



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

**MARISTELA D'ÁVILA DE JESUS AMORIM**

**OS ESTEREÓTIPOS NA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO:** representação do  
profissional em obras literárias, uma questão de gênero

São Luís

2025

**MARISTELA D'ÁVILA DE JESUS AMORIM**

**OS ESTEREÓTIPOS NA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO:** representação do profissional em obras literárias, uma questão de gênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira.

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Amorim, Maristela D'ávila de Jesus.

Os estereótipos na profissão de bibliotecário:  
representação do profissional em obras literárias, uma  
questão de gênero / Maristela D'ávila de Jesus Amorim. -  
2025.

79 p.

Orientador(a): Maria Mary Ferreira.

Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Bibliotecário. 2. Gênero. 3. Estereótipo  
Profissional. 4. Representação Profissional. 5. Obras  
Literárias. I. Ferreira, Maria Mary. II. Título.

**MARISTELA D'ÁVILA DE JESUS AMORIM**

**OS ESTEREÓTIPOS NA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO:** representação do profissional em obras literárias, uma questão de gênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Maria Mary Ferreira** (Orientadora)

Doutora em Sociologia – UNESP

Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva** (Examinador)

Doutor em Ciência da Informação – UNESP

Universidade Federal do Maranhão

---

**Profa. Ma. Maria Clea Nunes** (Examinadora)

Mestra em Educação – UFMA

Universidade Federal do Maranhão

À minha mãe, Maria, por me ensinar a colocar o coração em tudo o que faço.  
Ao meu pai, Paulo, por me ensinar a amar os livros. Vocês me trouxeram até aqui.  
Obrigada!

## **AGRADECIMENTOS**

Á Deus, pela graça da vida, por ter me sustentado ao longo não só desse processo de escrita, mas ao longo de toda jornada, a finalização deste trabalho é a prova do seu amor e cuidado em minha vida.

Á Santa Teresa D'Ávila por ter intercedido por mim nos momentos que eu não acreditava ser possível finalizar esse ciclo, fortalecendo minha fé em Deus e me ensinando que a paciência tudo alcança.

Á Universidade Federal do Maranhão, por me proporcionar realizar esse sonho, pelos ensinamentos adquiridos em sala e fora dela. Aos professores do Departamento de Biblioteconomia, composto pelos melhores professores e professoras da Universidade.

Á minha orientadora, Profa. Dra. Maria Mary Ferreira, por todo apoio desde a concepção do projeto de monografia, a finalização da monografia em si. Obrigada pelas ricas contribuições, paciência e principalmente por ter acreditado em mim e na minha pesquisa.

Á banca examinadora, composta pela Profa. Ma. Cléa Nunes e pelo Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva por todos os apontamentos gentis que com certeza enriqueceram este trabalho.

Ao Programa de Educação Tutorial, PET Biblioteconomia, por permitir minha permanência no curso e minha formação como pesquisadora, além de proporcionar aprendizados fora da sala de aula que ampliaram meus conhecimentos.

Aos meus pais, minha mãe, Maria Barbosa, por ser meu maior exemplo de força e coragem, às vezes mesmo com um mar de distância nos separando você se fez presente, em amor e cuidado. Meu pai, Paulo Amorim, por todo apoio e dedicação ao longo dessa jornada, gratidão por ser meu exemplo de persistência e resiliência, por me mostrar que os estudos são o caminho e todos os sonhos são sim possíveis.

Aos meus irmãos, os melhores do mundo, Paulo Amorim Filho, Arthur Amorim e Vitória Amorim, amo vocês de todo coração. Meus sobrinhos Pedro e Heitor, e minha afilhada Louyse, obrigada por trazerem sentido à minha vida. Também agradeço a Eliana Azevedo por todo incentivo, cuidado e conselhos valiosos. E a minha filha de quatro patas, Charlotte, que esteve vigilante em todas as madrugadas de escrita e choros.

Á toda a minha família, de Jesus Barbosa e Amorim, pelo apoio e torcida, sem vocês eu não teria conseguido.

Aos amigos que entenderam minhas ausências e estiveram torcendo por mim ao longo de tudo isso. Especialmente aos amigos que a UFMA me deu: Nathaly Araújo que foi minha dupla durante esses anos loucos, sua importância aqui é imensurável, a Maria Eduarda Wu que apesar da mudança de curso, se manteve constante na amizade e apoio, obrigada por toda a ajuda e Claudionilson Martins a pessoa mais engraçada que conheço. Muito obrigada a vocês que tornaram a caminhada mais leve e divertida.

Á todos os livros que foram meu porto seguro nos momentos de solidão, meu conforto em meio ao caos da vida e meu abraço em forma de palavras quando mais precisei, vocês me ajudaram a chegar até aqui.

Á mim, obrigada por não ter desistido, obrigada por ter se mantido persistente mesmo nos dias mais difíceis, em que tudo parecia impossível. A sua versão de 13 anos te acharia incrível, com certeza está orgulhosa de todos os caminhos que você percorreu até aqui e das lutas internas que você venceu.

Por fim, a todos que de alguma forma contribuíram na minha jornada acadêmica, MEU MUITO OBRIGADA!!

*“As bibliotecárias sabem das coisas. Elas guiam você para os livros certos. Os mundos certos. Encontram os melhores lugares. Como ferramentas de busca com alma.”*

*(Haig, 2021, p.91)*



## RESUMO

A profissão de bibliotecário é uma prática antiga que ao longo da história, tem sido frequentemente alvo de diversos estereótipos, entre os quais se destacam a figura de um profissional introvertido, rígido e constantemente solicitando silêncio, sendo geralmente associado ao sexo feminino. Assim, este estudo objetiva analisar a representação de gênero sobre o bibliotecário em obras literárias e os impactos sociais na imagem profissional. Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa se configura como bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Também traz análise de conteúdo para identificar a representação do bibliotecário nas obras literárias. Os resultados apontam que, embora recentes, as obras analisadas revelam estereótipos sociais relacionados ao gênero, com os livros analisados trazendo uma maioria feminina, porém, detectou-se uma evolução na representação dos bibliotecários, com maior presença de personagens jovens em vez de idosos, além de um número crescente de bibliotecários protagonistas, com papéis mais ativos nas narrativas. Almeja-se que esta pesquisa possa oferecer contribuições e reflexões para a academia, para os bibliotecários e para a sociedade.

Palavras-chave: bibliotecário; gênero; estereótipo profissional; representação profissional; obras literárias.

## **ABSTRACT**

The profession of librarian is an ancient practice that, throughout history, has frequently been the target of multiple stereotypes, among which stands out the image of an introverted, rigid professional who is constantly asking for silence, often associated with the female gender. Thus, this study aims to analyze the gender representation of the librarian in literary works and the social impacts on the professional image. Regarding the methodological procedures, the research is characterized as bibliographic and documentary, with a qualitative approach. It also includes content analysis to identify the representation of the librarian in literary works. The results show that, although recent, the works analyzed reveal social stereotypes related to gender, with the majority of the characters being female. However, an evolution in the representation of librarians was detected, with a greater presence of younger characters instead of older ones, as well as an increasing number of librarians as protagonists with more active roles in the narratives. This research hopes to offer contributions and reflections to academia, to librarians, and to society in general.

Keywords: librarian; gender; professional stereotype; professional representation; literary works.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1-</b> Capa de Matilda .....                                   | 45 |
| <b>Figura 2-</b> Capa de A Bibliotecária .....                           | 47 |
| <b>Figura 3-</b> Capa de A pequena livraria dos sonhos.....              | 48 |
| <b>Figura 4-</b> Capa de O mistério da biblioteca .....                  | 49 |
| <b>Figura 5-</b> Capa de A biblioteca da meia-noite.....                 | 50 |
| <b>Figura 6-</b> Capa de Sem ofensas .....                               | 51 |
| <b>Figura 7-</b> Capa de Nem te conto .....                              | 52 |
| <b>Figura 8-</b> Capa de 3 dias na vida.....                             | 53 |
| <b>Figura 9-</b> Capa de As coisas que deixamos para trás .....          | 54 |
| <b>Figura 10-</b> Capa de Clube de leitura dos corações solitários ..... | 55 |

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| <b>Quadro 1</b> - Obras analisadas.....  | 43 |
| <b>Quadro 2</b> - Delimitação das categorias .....   | 45 |
| <b>Quadro 3</b> - Categorias e subcategorias em gênero e representação social .....  | 57 |
| <b>Ilustração 1</b> - Representação da Sra. Felps no livro "Matilda" (ilustração Quentin Blake) .....                                  | 59 |
| <b>Ilustração 2</b> - Representação de Karina Fahlén no livro "O mistério da biblioteca" (ilustração Helena Willis) .....              | 59 |
| <b>Ilustração 3</b> - Representação da Sra. Felps e de Karina Fahlén utilizando óculos (ilustrações Quentin Blake; Helena Willis)..... | 61 |
| <b>Quadro 4</b> - Categorias e subcategorias em construção de identidades .....  | 62 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>14</b> |
| <b>2 UM BREVE HISTÓRICO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO .....</b>              | <b>20</b> |
| <b>3 OS ESTEREÓTIPOS COMO ESTIGMAS NAS PROFISSÕES .....</b>                  | <b>28</b> |
| 3.1 A literatura de ficção como perpetuadora de estereótipos .....           | 29        |
| 3.2 O estereótipo do bibliotecário .....                                     | 30        |
| <b>4 GÊNERO: entendendo a história desta categoria de análise .....</b>      | <b>34</b> |
| 4.1 A questão de gênero na profissão de bibliotecário.....                   | 38        |
| <b>5 O BIBLIOTECÁRIO NAS PÁGINAS LITERÁRIAS: percurso metodológico .....</b> | <b>42</b> |
| 5.1 Gênero e representação social .....                                      | 57        |
| 5.2 Construção de identidades .....  | 62        |
| <b>6 CONCLUSÃO .....</b>   | <b>67</b> |
| REFERÊNCIAS .....  | 69        |
| APÊNDICE A – FICHA DE LEITURA .....  | 77        |
| APÊNDICE B – QUADRO COM OS DADOS DAS CATEGORIAS.....                         | 78        |

## 1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia é um campo multidisciplinar das Ciências Sociais, que converge com diversas áreas, como a Arquivologia, Museologia, a Linguística, a Sociologia, a Filosofia, e em especial com a Ciência da Informação. A Ciência da informação é um campo que surgiu em meados dos anos 60, com a perspectiva de estudar, e analisar a produção de informação e necessidade de construir mecanismos de processá-la, controlar e disseminar frente aos dilemas sociais que exigiam respostas. De acordo com o pensamento de Silva (2024, p.56) “[...] a CI é uma ciência social que investiga os problemas, as questões e os casos relacionados ao fenômeno infocomunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacional.”

Esta é uma área que busca investigar as questões do fluxo de informações, comportamento e organização desta. Segundo Araújo (2014) a Ciência da informação surge a partir do diálogo com as disciplinas Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, que se consolidaram no século XIX, essas áreas possibilitaram o desenvolvimento da Ciência da Informação, visto que esta propôs uma abordagem mais ampla aos processos da informação. Para Freire (2006, p.17) “[...]um dos objetivos da ciência da informação seria contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, trazendo desenvolvimento para as pessoas e nações.”

Percebe-se que a Biblioteconomia e a Ciência da informação compartilham o mesmo objeto de estudo: a informação. Por isso, estão interconectadas e se dialogam estritamente. Assim, ao focar na Biblioteconomia, é possível perceber que, no Brasil, sua trajetória foi influenciada principalmente pelas ordens dos Beneditinos, Franciscanos e Jesuítas tendo em vista que as primeiras bibliotecas surgem em um cenário religioso, os primeiros bibliotecários também, estes foram os jesuítas, dado seus conhecimentos em organizar os acervos, ainda bem incipientes.

Conforme enfatiza Castro (2000) o marco para o desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil se dá pela criação da Biblioteca Nacional, sendo esta uma continuação da Biblioteca Real da Ajuda, fundada por D. João I, rei de Portugal, após o terremoto de Lisboa em 1755, que destruiu a antiga Biblioteca Real. Castro (2000) adiciona ainda que o desenvolvimento do curso de Biblioteconomia da BN passa por

três momentos, com sua criação em 1915 com o objetivo principal de sanar dificuldades de pessoal, porém inicialmente não obteve-se o sucesso esperado, sendo assim paralisado em 1922, com a instauração do Regulamento do Museu Histórico Nacional e criação de um curso técnico, que apresentava o objetivo de preparar profissionais para a atuação na Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional, no entanto este não chegou a sair do papel, assim em 1931 através de um decreto o Ministério da Educação justificou a necessidade da retomada do curso levando em consideração não só a Biblioteca Nacional, mas profissionalizar as demais bibliotecas públicas.

Nesse cenário, Castro (2000, p.62) detalha que “[...]a princípio, havia maior preocupação destes cursos em resolver suas necessidades organizacionais do que em capacitar pessoal para qualquer tipo de biblioteca.” Cumpre observar que os cursos foram criados inicialmente objetivando atender necessidades internas, mas do que buscando formar profissionais.

Sob esse âmbito, no Brasil a profissão de Bibliotecário está regulamentada pela Lei nº 4.084/1962, alterada pela Lei nº 9.674/1998, que determina o exercício da profissão apenas por bacharéis em Biblioteconomia. Dessa forma, o ofício bibliotecário seguiu em expansão e transformação, moldando-se ao contexto atual.

Como afirmam Salcedo e Silva (2017, p.23)

O bibliotecário seguiu as premências da sociedade, adequando-se ao avanço tecnológico e expandindo sua função para além das fronteiras da biblioteca. Ele passou a ocupar não somente cargos nos mercados tradicionais – bibliotecas públicas, universitárias, escolas, centros culturais e arquivos –, mas a fazer parte de uma variedade de outros setores que estão diretamente ou indiretamente conectados com a informação – empresas privadas, bancos e bases de dados digitais, portais de conteúdo e em redes institucionais internas.

Entende-se que esse campo de atuação foi sendo transformado pelos avanços tecnológicos de forma que o profissional em Biblioteconomia desde os anos setenta do Século XX passou a atuar em bibliotecas, centros de informação e documentação, bem como livrarias e outros lugares em que a informação está presente, sendo um gestor de informação. Sousa (2014, p.25) sustenta que “São esses profissionais que podem atuar para que toda informação, independente do suporte e do formato de registro, seja disponibilizada de forma operacional, ágil e eficaz atendendo, assim, às demandas de informação da sociedade do conhecimento.”

Constata-se que esses profissionais são extremamente relevantes no contexto atual, principalmente pela demanda informacional, é nesse sentido que o bibliotecário se torna um agente primordial na organização de informações, para que a busca seja

rápida e eficiente. Em contrapartida, o habilitado em Biblioteconomia é uma das ocupações que mais sofrem com os estereótipos impostos pela sociedade, pode-se dizer que os estereótipos são imagens preconcebidas de algo, uma imagem construída a partir da visão de terceiros.

No entendimento de Miranda (1996, p.102) “Os estereótipos transformam diferenças menos claras entre os grupos (categorias) em diferenças mais nítidas e criam diferenças onde, antes, elas não existiam.” Ou seja, eles influenciam a maneira como as pessoas percebem as outras, de forma a categorizá-las com base em suas características.

Sob esse ângulo, é notável que historicamente o bibliotecário é alvo de estereótipos diversos, como por exemplo o de uma figura introvertida, rígida, sempre pedindo silêncio, muitas vezes, pertencente ao sexo feminino. Almeida Júnior em seu livro “Sociedade e Biblioteconomia” de 1997, já trazia a questão dos estereótipos sociais que permeiam o fazer bibliotecário, refletindo sobre o estereótipo de silêncio e da velhinha ranzinza, destacando como esses são atrelados a biblioteca e ao bibliotecário. O autor destaca que:

A passividade, evidente em todos os itens, reflete a idéia de uma profissão amorfa, sem dinamismo, que exala o mesmo cheiro de mofo e pó que saem dos enfadonhos, aborrecidos e grossos volumes imobilizados nas estantes. Quando a biblioteca, o bibliotecário e a profissão são entendidos da maneira exposta, não é possível esperar que outro seja o estereótipo (Almeida Júnior, 1997, p.30).

Melhor dizendo reflete em estereótipos negativos, que contribuem como a ideia de que a profissão está desatualizada, e não acompanha as transformações do mundo. Walter (2008, p.51) por sua vez chama a atenção para o fato de que:

O aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Cabe enfatizar que esses estereótipos são construídos ao longo do tempo principalmente levando em consideração características históricas da profissão. Cunha (1976) que originalmente essas visões preconcebidas na profissão foram associadas a homens eruditos, que gradualmente foram tidos como profissionais silenciosos e ranzinzas, a transformação dessa imagem acontece principalmente ao longo do século XX, em que de acordo com Ferreira (2019) a profissão vai se



feminizando, visto que esta surge em um primeiro momento masculina e aos poucos vai se tornando feminina, por ser julgada como adequada para as moças de boa família.

Ademais, além da imagem estereotipada de antes, também se passou a ser atrelada ao gênero, associando a profissão a senhoras ou então se seguiu para o caminho da fetichização. Como aponta Ferreira (2003) as profissões predominantemente femininas enfrentam, ao longo da história, dificuldades para se afirmar, e suas profissionais frequentemente precisam comprovar sua capacidade e competência em um mercado de trabalho marcado pela desigualdade de gênero.

Nesse sentido, a profissão de bibliotecária é uma das que sofrem com essa desigualdade de gênero, Ferreira (2003, p.191) sustenta que “O gênero, como categoria analítica, é um modo de referir-se a organização social das relações entre os sexos. Ele busca explicações para a discriminação da mulher, sujeita aos papéis que as inferiorizam baseando-se em sua função reprodutiva ou na força física do sexo masculino.”

A feminização da profissão de bibliotecária lança os desafios de gênero que vão ser refletidos principalmente em menores salários para as mulheres, estereótipos machistas e sexistas, além da constante de se provar competente. Nesse raciocínio, Sousa (2014) ressalta que por ser percebida como uma profissão feminina, a área da Biblioteconomia ainda sofre com a visão de uma profissão secundária, tendo seu trabalho pouco valorizado.

Em outras palavras embora a carreira tenha crescido, evoluído e se modernizado, ainda carrega os estereótipos e a discriminação de gênero, resultando em desvalorização. Desse modo, torna-se relevante estudar a temática em questão uma vez que esta possui uma importância social, não só para a comunidade bibliotecária, mas para a sociedade de maneira geral, devido as obras literárias possuírem um papel fundamental na construção e perpetuação de imagens no imaginário social.

A justificativa de escolha do tema vem de inquietações pessoais e comentários ouvidos a partir do ingresso no curso de Biblioteconomia no segundo semestre do ano de 2019, comentários como o famoso “Biblio o quê?”, além de também ter ouvido que era um “Curso para mulheres”, assim como, estas angústias vem de reflexões despertadas por meio de livros lidos com a presença de personagens bibliotecário quase sempre descrito de maneira estenotipada. Desde o início do curso percebeu-

se que embora a profissão desempenhe um papel social importante, sua imagem ainda é moldada por estereótipos, em muitos casos negativos.

Neste contexto, com o intuito de entender, pensar e refletir sobre como a sociedade nos vê, procuramos então investigar o problema a partir de alguns questionamentos: Como o bibliotecário está representado em obras literárias? Como isso afeta a vida e as relações sociais desse profissional?

Buscando responder esses questionamentos foram estabelecidos os seguintes objetivos:

### **Objetivo geral**

Analisar a representação de gênero sobre o bibliotecário em obras literárias e os impactos sociais na imagem profissional.

### **Objetivos específicos**

- a) Investigar dentro de obras literárias como o bibliotecário é percebido e representado socialmente;
- b) Compreender as motivações de estereótipos na literatura impostos ao bibliotecário ao longo da história;
- c) Discutir a influência da categoria gênero na formação de estereótipos ligadas ao campo da Biblioteconomia;
- d) Refletir sobre o que pode ser feito para mudar a realidade imposta a estes profissionais.

Metodologicamente, esta pesquisa está fundamentada como bibliográfica, com análise de conteúdo para identificar a representação do bibliotecário nas obras literárias. Constituindo-se com a abordagem qualitativa. Para tanto se utilizou autores como Gil (2002), Severino (2013), Bardin (2010), Triviños (1987) e Minayo (2001).

Por conseguinte, este trabalho está estruturado em seis seções, sendo a primeira a introdução, a segunda apresenta um breve histórico da profissão de bibliotecário, a terceira seção aborda sobre os estereótipos nas profissões, com a primeira subseção apresentando como a literatura de ficção perpetua estereótipos, já a segunda subseção enfoca os estereótipos na profissão de bibliotecário. Na quarta seção é discutido sobre gênero fazendo um resgate desta categoria de análise, com uma subseção trazendo a questão de gênero na profissão de bibliotecário.

A quinta seção apresenta o percurso metodológico utilizado, com duas subseções apresentando a análise das obras literárias e dos estereótipos

encontrados. A sexta e última traz a conclusão da pesquisa, com os resultados obtidos e reflexões finais sobre a temática.

## 2 UM BREVE HISTÓRICO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO

A profissão de bibliotecário é uma das mais antigas práticas, esta surge juntamente com as bibliotecas, e a necessidade humana de organização. Como aborda Fonseca (2007, p.91) “O substantivo bibliotecário (em alemão *Bibliothekar*, em francês *bibliothécaire*, em inglês *librarian*, igual ao vernáculo em espanhol e italiano) vem do latim *bibliothecarius*.”

Consequentemente, este é um conceito universal, apesar de suas óbvias variações, independentemente da língua a função do bibliotecário é reconhecida, sendo este termo responsável por designar o profissional que trabalha nesse campo. Nesse viés, Silveira (2008) discute que o bibliotecário ganha destaque como uma das ditas "profissões humanas", ou seja, uma das que possuem impacto direto na sociedade, sendo estes fundamentais na preservação e disseminação do conhecimento ao longo da história.

Dessa forma, Ferreira (2017) comenta que “o bibliotecário se insere como o profissional qualificado para exercer a função, não apenas de guardião do conhecimento, responsabilidade que lhe é distintiva desde tempos imemoriais e que graças a essa responsabilidade foi possível preservar o conhecimento produzido pela humanidade ao longo dos séculos.”

A relevância desse profissional como enfoca a autora está principalmente em ser um agente cultural e educacional de preservação, sua atuação vai além do trabalho tradicional, estes desempenham um papel vital na formação de cidadãos promovendo não apenas a leitura, mas também o acesso ao conhecimento.

Assim, Müller (1989) enfatiza que é necessário identificar as funções profissionais do bibliotecário, para que seja possível visualizar a diversidade dos campos de atuação, separando três funções principais desempenhadas por eles: a função da preservação, função da educação e função do suporte ao estudo e à pesquisa. Para tanto, segundo Müller (1989) a função da preservação é uma das mais antigas do bibliotecário, já que espaços como bibliotecas são os locais propícios para a guarda do conhecimento humano, a função de educação está ligada ao suporte dado a educação formal, visto que estes atuam em muitos casos como educadores informais que ajudam seus usuários a terem acesso à informação. No suporte ao estudo e à pesquisa este desenvolve papel essencial para fornecer informações e fontes aos clientes, tendo que antecipar as necessidades informacionais.

Dessa maneira, pode-se afirmar que estas funções jogam luz para a importância do bibliotecário e suas multifunções, assim como, este deve ter uma formação sólida e contínua, e estar sempre frente as novas tecnologias e demandas.

Nessa perspectiva, falar da profissão de bibliotecário é também falar sobre a evolução das bibliotecas, já que os dois estão intimamente ligados desde os primórdios. Partindo para o breve histórico da profissão de Bibliotecário, Santa Anna (2015, p. 142) nos apresenta que “[...] na Pré-história e na Antiguidade, as bibliotecas exerceram a função de custódia, ao abrigar materiais informacionais produzidos pelo homem registrados através de suportes específicos que garantissem sua preservação ao longo dos tempos.”

Nesse período a figura bibliotecária já existia, porém, não da forma como conhecemos hoje. No entanto, funções como as de organização, preservação e disseminação do saber, já estavam refletidas no papel exercido. Pode-se dizer que esta ocupação nos remonta a Antiguidade e a Idade média, como destaca Ortega y Gasset (2006, p.18)

Durante a Idade Média, a ocupação com os livros ainda é infra-social, não aparece para o público: está latente, secreta, pode-se dizer, intestina, confinada no recinto secreto dos mosteiros. Nas próprias universidades não se destacava essa prática. Nelas se guardavam os livros necessários à prática do ensino, do mesmo modo, nem mais nem menos, como se guardariam os utensílios de limpeza. Ser guardião dos livros não era algo especial.

É possível observar que essa ocupação não era valorizada, sendo considerada de baixo prestígio social, referindo-se como mais uma atividade administrativa e prática. Santa Anna (2015, p.142) enfatiza que

Similarmente às bibliotecas antigas, as coleções monásticas cumpriram a missão de apenas armazenar e conservar os documentos produzidos na Antiguidade, restringindo, ao máximo, seu acesso e uso. Nessa época, o responsável em zelar por essas coleções se caracterizava como um organizador que existia para facilitar as incursões dos curiosos pelo universo do conhecimento[...]

Os monges atuavam como a figura bibliotecária deste tempo, desempenhando uma função essencial na facilitação do conhecimento, porém, o acesso e a utilização dos livros eram limitados. “No período medieval, devido às fortes pressões ideológicas demandadas pelo poder religioso, as bibliotecas serviram, durante toda a Idade Média, como depositárias dos registros, limitando o acesso apenas a autoridades religiosas” (Santa Anna, 2015, p. 143).

Partindo para a era do Renascimento, que é um marco importante nesta profissão, pois, a partir desse período esse fazer ganha mais formalidade. Assim, para Ortega y Gasset (2006) é apenas no início do Renascimento que a figura do bibliotecário passa por mudanças, começando a ser vista de maneira única e diferente no contexto social. Seguindo essa linha de raciocínio Campello e Costa (2018) afirmam que também nesse período a estrutura social europeia muda dando espaço para a anatomia democrática, onde o conhecimento passa a ser difundido na sociedade deixando de ser um privilégio de poucos. Com essa ruptura de aristocracia para democracia o livro passa a ter uma importância não vista antes, com essa mudança o bibliotecário ganha uma nova valorização e um olhar diferente.

Ortega y Gasset (2006) ressalta que nesse momento surge uma espécie de “fé no livro” substituindo de certa forma as revelações divinas, passa-se a confiar mais no pensamento humano, acontecendo assim um renascimento propriamente dito, de interesse pelos livros. Por esse ângulo, Martins (2001) afirma que antes desse período o livro não tinha um papel social relevante, este era quase que inexistente, especialmente de forma material já que só se concretizou com a invenção da tipografia na Renascença.

Evidencia-se que a partir daqui que o livro ganha força deixando de ser um objeto isolado, sendo um item social essencial. “O livro vai ser o sinal mais característico da civilização ocidental; o bibliotecário, como personagem autônomo na comunidade, fará também a sua aparição” (Martins, 2001, p. 332). É fato que os bibliotecários naquele período, ganham destaque, sendo fundamentais especialmente no resguardo do conhecimento produzido, que será fundamental no processo de socialização e disseminação.

Ribeiro, Chagas e Pinto (2007) trazem que a invenção da imprensa por Johannes Gensfleisch von Gutenberg, trouxe mudanças significativas na civilização do século XV. Nesse raciocínio, Verger (1999, p.128) complementa que esta “[...] transformou completamente, tanto em rapidez quanto em quantidade, a circulação da informação escrita no seio da sociedade, foi realmente uma das revoluções técnicas mais importantes da história da humanidade.”

Conforme Ribeiro, Chagas e Pinto (2007, p.31) “Com a invenção de Gutenberg, a estrutura social ganha uma nova dimensão e passa a ganhar um novo sentido.” A descoberta da imprensa é considerada como uma das revoluções mais importantes, pois, proporciona a democratização do livro, embora a maior parte da sociedade na

época, ser formada de analfabeto, Martins (2001) versa que a imprensa atendeu uma espécie de carência intelectual e cultural, em que as pessoas começaram a despertar e ganhar consciência de sua “força espiritual”.

Com a imprensa o livro passou a ser produzido em série, fato que irá exigir maior atenção para as bibliotecas, já que com a impressão dos livros, também se ampliou o hábito de ler e escrever, além disso a cultura tornou-se mais acessível para classes mais populares (Ribeiro, Chagas e Pinto, 2007).

Em resumo, os livros começaram a ser publicados em maior escala, já que a impressão ficou mais barata, a circulação foi favorecida, pelos novos formatos, com isso a necessidade de espaços e de organização desse acervo que ia sendo impresso em diversas prensas no mundo inteiro. Para Campello e Costa (2018) é visível que o surgimento da imprensa transformou o espaço das bibliotecas e o bibliotecário, trazendo mudanças que são refletidas na atualidade, principalmente na forma como a informação é disseminada. Infere-se que o período do Renascimento é marcante para a profissão, pois faz o interesse pelos textos crescerem, além de modificar o status e trazer certa formalidade a esse fazer.

Outrossim, Ortega y Gasset (2006) expõe que apesar da profissão de bibliotecário ter crescido nesse período e se tornando importante, ela não foi inicialmente formalizada ou regulamentada pelo Estado. Sob esse prisma Martins (2001, p.332) discorre sobre a história do bibliotecário em dois momentos:

[...] da Renascença até aos meados do século XIX, o bibliotecário é um profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais[...]

A habilitação para a profissão era muito diferente do que se tem na Biblioteconomia moderna, caracterizada por uma formação acadêmica especializada, nessa época se tinha um indivíduo erudito ou escritor que trabalhava em alguns casos em instituições privadas. Entretanto, esse desenvolvimento foi importante para a evolução da carreira de bibliotecário, de acordo com Martins (2001, p.332) o status da profissão começa a se alterar:

[...] a partir dos meados do século XIX, o Estado reconhece o bibliotecário como representante de uma profissão socialmente indispensável. Nesta segunda fase, se o sistema de confiar as grandes bibliotecas a escritores e eruditos sem formação técnica ainda continua por algum tempo, logo aparecerá, por força da própria especialização, a necessidade de fazer do bibliotecário um funcionário especificamente treinado para as suas funções.

Esta foi uma importante transição profissional, pois marcou o início de uma profissionalização, já que o aumento da quantidade informações e de livros, tornou-se evidente a necessidade de treinamento e formação técnica. Nessa conjuntura de aumento de livros e informações surge também a precisão de organizar e classificar as informações de maneira sistemática. Para Piedade (1983, p. 16) “classificar significa dividir elementos em grupos, reunir coisas, assuntos e seres de acordo com cada característica em comum ou incomum, analisando as diferenças e semelhanças entre os grupos.”

Ao realizar esse processo consegue-se identificar diferenças e semelhanças entre grupos de informações. Ademais, Silva (2013, p. 2) destaca a importância desses processos

As classificações têm o objetivo de identificar o assunto do documento, para que ele possa ser posto em local determinado nas estantes, junto com outros documentos com assuntos semelhantes. Facilitando assim, a busca do livro pelo bibliotecário e pelo usuário da biblioteca, evitando perda de tempo.

A classificação é fundamental para a recuperação da informação, e conseqüentemente para o funcionamento das bibliotecas. Nesse contexto, segundo Barbosa (1969) no século XIX com o aumento das bibliotecas e dos livros surgem métodos sistemáticos de classificação como o de Dewey, e depois a Classificação Decimal Universal (CDU).

Destarte, Dewey publicou em 1876 com 25 anos, *A Classification and Subject Index for Cataloguing the Books and Pamphlets of a Library*, que era um folheto de 42 páginas que dividia o conhecimento em cerca de 1000 classes. Esta obra teve grande repercussão na conferência de bibliotecários da Filadélfia, destacando-se pela introdução do índice relativo. Já na segunda edição da obra o título foi alterado para *Decimal Classification and Relative Index*, e na 16ª edição passou a se chamar *Dewey Decimal Classification* (DDC), conhecida no Brasil como *Classificação Decimal de Dewey* (CDD) (Silva, 2013; Piedade, 1983).

Para mais, Piedade (1983) ressalta que a Classificação Decimal Universal (CDU) tem suas raízes na CDD de Dewey, a CDU nasce em 1892, quando os belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine fundaram, em Bruxelas, o *Office International de Bibliographie* para organizar uma bibliografia universal.

Silva (2012, p.13) frisa que “[...] enquanto a CDD é uma classificação mais geral, a CDU é mais especializada.” Basicamente esses sistemas transformaram as bibliotecas, em especial as da época já que facilitaram e tornaram eficiente a



disseminação do conhecimento, estabelecendo assim uma base sólida até os dias atuais.

Também nesse período surge a *American Library Association* (ALA) uma das primeiras associações de bibliotecários, “Em 1876, na primeira conferência da American Library Association (ALA), os bibliotecários e bibliófilos diante das dificuldades encontradas para tratar tecnicamente e recuperar as informações contidas nesses documentos mostraram-se motivados em desenvolver esforços cooperativos” (Santos; Rodrigues, 2014, p. 120).

Em resumo, “Os profissionais que atuavam nas bibliotecas nesses períodos de gênese caracterizavam-se como meros sábios, detentores de todo o conhecimento armazenado na unidade, o que lhe confere um papel humanista e erudito” (Santa Anna, 2015, p. 144).

Nota-se que nos anos iniciais do fazer bibliotecário estes eram vistos como figuras de grande saber, responsáveis por não só administrar os livros, mas compartilhar conhecimento. Conforme Ferreira (2019, p. 303) retoma “A profissão do bibliotecário que emerge inicialmente na Europa e Estados Unidos começa a se expandir para o resto do mundo no início do Século XX com a criação dos primeiros Cursos de Biblioteconomia.”

Logicamente, assim como as primeiras bibliotecas no Brasil surgem em um contexto religioso, os primeiros bibliotecários também, que foram os religiosos. Como salientado por Castro (2000, p.43) “A trajetória das bibliotecas no Brasil iniciou-se com as ordens religiosas dos Beneditinos, Franciscanos e Jesuítas.”

No contexto da Biblioteca Nacional o termo bibliotecário passou a ser utilizado a partir de 1824, com a aprovação do segundo dispositivo legal geral, antes o profissional era chamado de Prefeito ou Zelador da biblioteca (Castro,2000). Sob essa ótica, no Brasil surgiram importantes associações e federações que são responsáveis pelo desenvolvimento profissional do campo da Biblioteconomia, Fonseca (2007, p.109) sustenta que:

*A Associação Paulista de Bibliotecários* foi fundada em 1938, quando o curso de biblioteconomia de São Paulo diplomou seus primeiros concluintes. É a mais antiga do Brasil. Quase todas as capitais brasileiras possuem suas associações. Por ocasião do segundo Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (1957) fundou-se em Salvador a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), hoje Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, com sede em São Paulo. E em 1967 foi fundada em Belo Horizonte a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e

Documentação (ABEBD), hoje Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN).

Nessa perspectiva, a profissão de bibliotecário no Brasil está regulamentada pela Lei n.º 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Mais tarde esta lei foi alterada pela Lei n.º 9 674, de 26 de junho de 1998, que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário e determina outras providências. Fonseca (2007, p.109-110) traz que

De acordo com os referidos dispositivos legais é privativo dos bacharéis em biblioteconomia o exercício da função de bibliotecário em instituições públicas e privadas. Foram por eles criados o Conselho Federal e conselhos regionais de biblioteconomia. Para estes, que são os órgãos fiscalizadores da profissão de bibliotecário, devem obrigatoriamente contribuir os que a exercem. Os conselhos são supervisionados pelo Ministério do Trabalho.

Esses dispositivos garantem a legalidade da profissão, assim como, os conselhos garantem uma postura ética e responsável do qualificado em Biblioteconomia. Dessa maneira, o Conselho Federal de Biblioteconomia em sua Resolução nº 207/2018 Aprova o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário brasileiro, que fixa as normas orientadoras de conduta no exercício de suas atividades profissionais, em seu Art. 2º aborda que “A profissão de Bibliotecário tem natureza sociocultural e suas principais características são a prestação de serviços de informação à sociedade e a garantia de acesso indiscriminado aos mesmos, livre de quaisquer embargos.”

Este ofício é fundamental para a sociedade, apesar de pouco valorizado, pois este tem impacto relevante na gestão e fornecimento de informações, já que a informação é o objeto de trabalho do bibliotecário. O Art. 3º da Resolução nº 207/2018 versa que

A atuação do bibliotecário fundamenta-se no conhecimento da missão, objetivos, áreas de atuação e perfil sociocultural do público alvo da instituição onde está instalada a unidade de informação em que atua, bem como das necessidades e demandas dos usuários, tendo em vista o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

Entender esses fatores é essencial para melhor atender os usuários, buscando proporcionar a resolução de demandas. De acordo com Ferreira (2017) ao longo de mais de 50 anos de regulamentação da profissão, esta precisou se moldar tanto na formação profissional quanto em suas práticas para assim atender a certas carências da sociedade, a autora aponta ainda que a constante busca por aperfeiçoamento e conhecimento nessa área deve ser constante, principalmente para os profissionais

que pretendem fazer a diferença enquanto sujeitos de informação, os que realmente entendem o seu papel profissional. Como ressalta Cunha (1976, p. 183) “Para ser um bom bibliotecário o indivíduo deve exercer e viver a profissão em toda a sua grandeza.”

Para mais, ser um bom bibliotecário exige dedicação profunda e reconhecimento do papel social que se desempenha significa integrar certos aspectos no dia a dia profissional. Compreende-se como o fazer bibliotecário modifica-se ao longo tempo, ganhando novos sentidos, principalmente com o avanço da tecnologia, mas sem perder as práticas antigas.

Em síntese, apesar das mudanças e dos esforços investidos na formação do bibliotecário no Brasil, bem como sua inserção pontual nos debates no campo da ciência da informação, e sua inserção nos processos de democratização da informação, mesmo assim prevalece uma imagem estereotipada deste profissional, fato que nos leva a investigar as razões desta permanência e os espaços onde são percebidos com mais frequência esses estereótipos que como mencionamos, diminui o papel social e político do bibliotecário, fato que nos instiga a buscar respostas nesta investigação, visando assim contribuir para desmistificar os estereótipos tendo como campo de estudo a literatura e como são reproduzidos os estereótipos.

### 3 OS ESTEREÓTIPOS COMO ESTIGMAS NAS PROFISSÕES

Os estereótipos podem ser entendidos como imagens preconcebidas, sendo um pré-julgamento por parte de alguém, pode-se afirmar que é uma constante no meio social. A palavra apresenta uma etimologia antiga, porém seu uso da maneira que temos atualmente é recente, como trazem Brito e Bona (2014, p.16)

Apesar de sua etimologia grega, o termo estereótipo (*steros + typos*) é na verdade bastante recente. Ele data do século XIX, quando Firmin Didot revolucionou as técnicas de impressão então vigentes, que ainda partiam do legado de Johannes Gutenberg. Didot aboliu a impressão a partir dos símbolos removíveis, de Gutenberg, e introduziu a impressão por meio de placas inteiras de metal fundido, técnica chamada *estereotipia*.

Essa transformação possibilitou popularizar o termo estereótipo, que assim começou a ser usado para descrever ideias e imagens fixas que se tem de determinados grupos, essa mudança ocorreu a partir dos anos 20 (Brito; Bona, 2014). Nesse contexto, Techio (2011) enfatiza que os estereótipos surgem de uma maneira natural dentro dos processos mentais, dada a forma como classificamos grupos e pessoas, assim como, esses processos podem também levar a preconceitos e generalizações.

Krüger (2004, p. 36-37) anteriormente havia definido estereótipo social como:

[...] crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um agrupamento humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios, como por exemplo, idade, sexo, inteligência, moralidade, profissão, estado civil, escolaridade, formação política e filiação religiosa.

Esse processo não leva em consideração que cada pessoa é um ser único com características e comportamentos distintos. Para Brito e Bona (2014) estes servem como uma maneira de distinguir diferentes grupos, sendo assim o ato de estereotipar seria uma maneira de se reafirmar perante um povo ou alguém, esse processo de categorização é presente no campo da Psicologia social, e embora tenha começado há séculos, perduram e tem consequências negativas hoje, como racismo, preconceito de gênero, xenofobia, entre outros.

Techio (2011) expõe que os estereótipos podem moldar a percepção e o julgamento social de cada um, muitas vezes acontece de forma inconsciente e involuntária, estes têm impacto em atitudes e comportamentos das pessoas, principalmente em interações sociais.

Na visão de Adichie (2019) quando apenas uma narrativa é contada sobre um grupo, sua cultura ou outra perspectiva, esta narrativa pode tomar como base uma generalização, que cria estereótipos, portanto estes passam a ser perigosos reforçando uma "história única". Desse modo ao analisar os estereótipos relacionados a determinadas carreiras profissionais como bibliotecárias, enfermeiras, assistentes sociais, entre outras, observa-se que os estereótipos podem se apresentar de diferentes maneiras, porém os mais comuns são os relacionados a idade, geração, raça e etnia, e gênero, que principalmente atingem as mulheres. Segundo Sandeberg (2013, p.37) “Os estereótipos de sexo inculcados na infância são reforçados ao longo de toda a nossa vida e são como profecias que, de tanto serem repetidas, acabam se realizando.”

A autora enfatiza que no mercado de trabalho essa questão fica mais perceptível visto que nos cargos de liderança os homens são maioria e as mulheres acabam por não chegarem até eles, assim como acontece com os salários (Sandberg, 2013). Em poucas palavras, os estereótipos nas profissões refletem visões sintetizadas e em múltiplos casos equivocados, que podem influenciar a maneira como as pessoas são tratadas nos espaços de trabalho. Para além, os estereótipos podem ser reproduzidos nos diversos meios: como a mídia, a arte, os livros e as construções sociais.

### **3.1 A literatura de ficção como perpetuadora de estereótipos**

A leitura enquanto instrumento de formação reflete e molda a sociedade, desempenhando um papel fundamental desde os primórdios. Salcedo e Stanford (2016, p.27) abordam que “A leitura é um exercício, ao mesmo tempo, solitário e coletivo. Para uns, prática cotidiana importante na atribuição de sentidos e de sociabilidades.”

É fato que a leitura permite não só a percepção de si, mas dos outros, sendo um exercício de construção de significados. Para Rodrigues (2015, p.242) “Ler não é apenas a decodificação dos sinais, mas é atribuir significados e dar sentido, é um processo de interação entre o leitor e o autor, é a habilidade para compreender a mensagem de um texto e interpretar o mundo que nos cerca.”

Posto isto, ler é compreender e trazer conexões do que está no texto com a realidade vivida. Como traz Paulo Freire (1989, p.9) “A leitura de mundo precede a

leitura da palavra” antes de aprendermos a ler de maneira formal, os sentidos e percepções já vão sendo construídos, sendo a leitura não só de palavras, mas de vivências.

Nessa perspectiva, a literatura de ficção está inserida como uma ferramenta poderosa de representação cultural e social. Segundo Jacobsen (2010, p.39) “[...]a arte literária é a criação por parte da imaginação do autor, que é afetada, em maior ou menor grau, pelo imaginário da sociedade na qual ele se insere. Esta definição de literatura contempla a literatura considerada de ficção[...]”

Ou seja, é um processo criativo em que o autor tem como base sua imaginação e suas experiências e concepções de mundo, transformando o mundo real em algo novo. Logo os estereótipos também estão presentes nas mais variadas representações, no sentido que a literatura pode trabalhar tanto a perpetuação como a desconstrução de estereótipos, visto que em obras literárias é comum, e até rotineiro a apresentação de personagens e situações que trazem visões preconcebidas com relação a gênero, idade, classe social etc.

Sob esse prisma Jacobsen (2010, p.41) disserta que “[...] apesar de ser uma transfiguração, todo autor expressa de alguma forma sua visão de mundo e as imagens que ele tem daquilo que coloca na sua obra, entre elas, como vê os profissionais personagens de suas histórias.”

Decerto ainda que se construa uma ficção esta ainda carrega as impressões do autor sobre o mundo e as relações, refletindo assim seu próprio entendimento de vida. Através de personagens e histórias, a literatura pode moldar nossa mundividência contribuindo para reforçar visões distorcidas ou reducionistas de uma cultura ou identidade. Por isso, é importante se trabalhar com uma leitura crítica e consciente, buscando a ampliação de narrativas, inclusivas e diversificadas, de forma a ser um leitor consciente das relações de poder e dos contextos sociais.

### **3.2 O estereótipo do bibliotecário**

Diante do exposto, nota-se que a figura bibliotecária, socialmente é cercada por estereótipos e representações negativas. Para as autoras Walter e Baptista (2007, p.27) “os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de uma determinada pessoa, de

um grupo, ou mesmo relacionado a ações”, pode-se dizer que os estereótipos são imagens preconcebidas de algo, uma imagem construída a partir da visão de terceiros.

Neste sentido, a profissão de bibliotecária está envolta de diversas percepções estereotipadas, principalmente relacionadas ao gênero. Conforme Basílio (2022), Soler e Rocha (2024) ao longo do tempo a profissão de bibliotecária vem sendo associada a características femininas estereotipadas, atualmente o estereótipo predominante tem sido de uma profissional mais técnica com foco na organização, retratadas com um estilo de vestimenta antiquadas e comportamento rígido. De acordo com Escalante, Mallmann e Coutinho (2021, p. 10) os estereótipos relacionados ao gênero

[...] não só existe, como persiste e permeia a vida das mulheres bibliotecárias, mesmo das que ocupam cargos de chefia, embora nem sempre percebido por elas. Descrições estereotipadas e discriminatórias que demarcam características de gênero são atribuídas às bibliotecárias e influenciam na construção da imagem dessa profissional e de sua profissão.

Mas, é importante considerar que os estereótipos em torno da profissão variam bastante, porém sempre seguem um mesmo padrão, como dito por Moreno e Bastos (2012, p. 1) “A imagem que se tem de um bibliotecário é o de ser uma profissão em sua maioria feminina, composta de mulheres solteironas, solitárias, ranzinzas e que estão a toda hora pedindo silêncio em seu ambiente de trabalho.”

Quando não segue por essa linha, parte-se para uma de fetichização da profissão e do profissional, ou segue-se uma linha mais voltada para a visão do bibliotecário do sexo masculino, em que este apresenta-se como detentor de muito conhecimento, como apontado por Cardoso e Nunes (2015, p.24) “O bibliotecário é representado por imagens tão distintas como a velhinha de óculos e carrapito, a jovem sensual, embora por vezes também escondida atrás de óculos, ou o monge guardião do acervo bibliográfico.”

Essas percepções negativas e rodeadas por estereótipos acerca da profissão, acabam distanciando o usuário do profissional, além de acarretar diversos prejuízos para a profissão, como a desvalorização e menores salários. As autoras Endlich; Nascimento e Gallotti (2018, p.5) destacam que

[...] normalmente o profissional bibliotecário é visto como aquele de profissão fácil, pois estaria ele o dia inteiro numa biblioteca apenas para mandar as pessoas fazerem silêncio e impedirem os usuários de adentrarem a biblioteca com alimentos, ou pior, é visto apenas como arrumador dos livros nas estantes.

Essa visão equivocada, tem efeitos maléficos na representação feita sobre esse profissional, visto que o fazer bibliotecário vai além destas questões, para além da técnica, é ser agente de transformação. Endlich; Nascimento; Gallotti (2018) discutem que ser bibliotecário é ser criador e difusor de informações, é atuar como um agente cultural e disseminador de ideias, Silveira (2008, p.91) acrescenta que “[...] o bibliotecário se posiciona no centro do processo de socialização e democratização da informação [...]”

Mas, não se pode perder de vista que o conceito de Biblioteconomia ainda está atrelado ao conceito de Biblioteca, conforme aponta Galvão (1993, p.101):

[...] a relação que se estabelece entre os termos biblioteca e biblioteconomia supõe como concepção nuclear a biblioteca enquanto espaço físico instituído socialmente, na sua origem, para preservar livros, e, indiretamente, os conhecimentos neles contidos. Sendo assim possível detectar no termo biblioteconomia traços semânticos (periféricos) do termo biblioteca.

Dessa forma, observa-se que esse fator ainda é um dos que geram estereótipos ao profissional da área. Neste sentido, Nascimento *et al.* (2016, p.3) enfatiza que:

Percebemos que a imagem do profissional bibliotecário em questão está ligada então diretamente ao ambiente ao qual é instantaneamente vinculada, a biblioteca e suas variações na atuação das suas práticas profissionais. A vida em sociedade é repleta de classificações e catalogações de grupos de indivíduos, assim a representação se dá como forma de identificar e conceber uma concepção sólida acerca de algo idealizado, porém, uma vez que a solidificação e a propagação dessa identidade ocorrem de forma deturpada e carregada de preconceções, ocorre adulteração, e um perfil estigmatizado ocupa o sentido factual do caráter profissional.

Esse profissional é extremamente estereotipado pela sociedade, assim como, ainda é representado nos mais diversos cenários como alguém de mal com a vida, sempre pedindo silêncio, utilizando-se de coque e óculos. Como dito por Nascimento *et al.* (2016, p.3) “O perfil profissional do bibliotecário gravita em torno de um amontoado de características negativas que dificilmente se romperão sem um trabalho ativo de divulgação e desmistificação [...]”.

Esta visão negativa acarreta à profissão e ao profissional, inúmeros desafios, mas, principalmente à crescente desvalorização. As autoras Walter e Baptista (2007, p.37) comentam que “[...]os estereótipos negativos podem ser traduzidos por salários menores e para outros entraves para o crescimento da profissão e de seus profissionais,” bem como para seu não reconhecimento.



Também, nota-se que esses estereótipos aparecem em uma parcela significativa de obras literárias, como em "*A Biblioteca da meia-noite*" de 2021, do autor Matt Haig, em que se apresenta uma personagem que é bibliotecária, e alguns estereótipos como o de uma senhora mais velha e elegante aparecem. Também se revelam visões preconcebidas no livro "*O silêncio das águas*" de 2017, da autora Brittainy C. Cherry, em que temos a fala de uma personagem direcionada a protagonista mestranda em Biblioteconomia, que nos remete ao estereótipo do profissional pedir silêncio.

Diante do exposto, observa-se que os estereótipos interferem diretamente na profissão, sendo reproduzidos não só na literatura, mas marcando presença no imaginário popular. Especialmente, os relacionados ao gênero, quando o bibliotecário ainda é representado com essas características negativas, reforça-se visões preconcebidas impostas a esse profissional, o que impacta diretamente na imagem e valorização.

#### 4 GÊNERO: entendendo a história desta categoria de análise

A história da categoria Gênero é complexa e perpassa por diversos momentos e cenários da vida social para assim se compreender melhor as relações desiguais que existem entre os sexos. Ao refletir sobre gênero Ferreira (2019) esclarece que assim como a categoria classe social pensada a partir dos escritos de Karl Marx que explica a permanência da pobreza e das desigualdades sociais a partir do capital, o gênero explica as desigualdades produzidas pela cultura patriarcal que determinou e imputou aos homens um papel de maior relevância na história, fato que vem se reproduzindo ao longo da construção das sociedades em todos os contextos, interditando às mulheres o direito à cidadania e sua desqualificação frente ao mundo civilizado.

De acordo com Donna Haraway Filósofa, escritora e professora da Universidade da Califórnia, apresenta em seu texto “Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”, explica a palavra “Gênero” baseando-se em padrões descritivos sistemáticos. Dessa forma, Haraway (2004, p. 209) diz que

[...] “Género” se referem à idéia de espécie, tipo e classe. “Gênero” em inglês tem sido usado neste sentido “genérico”, continuamente, pelo menos desde o século quatorze. Em francês, alemão, espanhol e inglês, “gênero” refere-se a categorias gramaticais e literárias. As palavras modernas em inglês e alemão, “Gender” e “Geschlecht”, referem diretamente conceitos de sexo, sexualidade, diferença sexual, geração, engendramento e assim por diante, ao passo que em francês e em espanhol elas não parecem ter esses sentidos tão prontamente. Palavras próximas a “gênero” implicam em conceitos de parentesco, raça, taxonomia biológica, linguagem e nacionalidade. O substantivo “Geschlecht” tem o sentido de sexo, linhagem, raça e família, ao passo que a forma adjetivada “Geschlechtlich” significa, na tradução inglesa, sexual e marcado pelo gênero.

Esta explicação está focada em conhecer a palavra e sua construção nos diferentes idiomas, seguindo nessa perspectiva Haraway (2004, p. 209) explica que

Gênero é central para as construções e classificações de sistemas de diferença. A diferenciação complexa e a mistura de termos para “sexo” e “gênero” são parte da história política das palavras. Os significados médicos acrescentados a “sexo” se somam progressivamente a “gênero”, no inglês, através do século vinte.

Percebe-se que a ideia do conceito de gênero é centrada na forma como são construídos e classificadas os diferentes grupos sociais. Segundo Piscitelli (2009, p. 119)

O termo gênero, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outros são percebidas como resultado dessas diferenças.

O uso deste termo tem como objetivo, sobretudo, salientar as diferenças de tratamento social entre mulheres e homens, que são perceptíveis e naturalizadas. Como Saffioti (1987) aborda homens e mulheres ocupam posições diferentes na sociedade, sendo os papéis delimitados de maneiras distintas, além de serem marcados com precisão, para inferiorizar as mulheres. Para Haraway (2004, p. 210) “Em todas as suas versões, as teorias feministas de gênero tentam articular a especificidade da opressão das mulheres no contexto de culturas nas quais as distinções entre sexo e gênero são marcantes.”

A luta do movimento feminista buscava direitos básicos para mulheres como: educação, o direito de votar, possuir bens, entre outros, esta luta buscava os mesmos direitos que os homens sempre possuíam. Haraway (2004) expõe que o conceito de gênero em um ângulo político e crítico foi sendo combinado e lentamente teorizado, pelos movimentos de mulheres feministas do pós-guerra. Como destaca Piscitelli (2009, p. 119) “as autoras feministas utilizaram o termo *gênero* para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade.”

Desse modo é importante destacar conforme aponta Haraway (2004) que este conceito nasce de forma a contestar a naturalização da diferença sexual nos diferentes espaços, buscando explicar e transformar contextos em que homens e mulheres são socialmente agrupados de maneiras diferentes. “O conceito de gênero foi elaborado e reformulado em momentos específicos da história das teorias sociais sobre a "diferença sexual" e foi inovador em diversos sentidos” (Piscitelli, 2009, p. 123).

O termo “Gênero” passou a ser utilizado de maneira considerável a partir da década de 1950, especialmente em disciplinas como antropologia e psicologia. Nesse contexto, esta palavra foi introduzida pelo psicanalista estadunidense Robert Stoller, que inicialmente traz o conceito como identidade de gênero. Como mencionado por Haraway (2004, p.216)

Em 1958, o Projeto de Pesquisa sobre Identidade de Gênero foi constituído no Centro Médico para o Estudo de Intersexuais e Transexuais, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). O trabalho do

psicanalista Robert Stoller discutia e generalizava as descobertas do projeto da UCLA. Stoller apresentou o termo "identidade de gênero" ao Congresso Internacional de Psicanálise, em Estocolmo, em 1963. Ele formulou o conceito de identidade de gênero no quadro da distinção biologia/cultura, de tal modo que sexo estava vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso, morfologia) e gênero à cultura (psicologia, sociologia).

Ademais, Piscitelli (2009, p. 123-124) enfatiza que "sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero tem relação com a cultura (psicologia, sociologia, incluindo aqui todo o aprendizado vivido desde o nascimento)."

Porém, ressalta-se que o conceito de Gênero ganhou uma maior notoriedade durante a segunda onda do movimento feminista, nas décadas de 1960 e 1970, buscando distinguir sexo biológico e normas atreladas a estes. Piscitelli (2009) aborda que o livro o "Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir, pode ser considerado o precursor da "segunda onda" do movimento feminista na década de 60.

O movimento feminista trabalhou em vários sentidos, para tornar possível acabar com a subordinação sofrida pelas mulheres. Em contrapartida, estas também buscaram se fortalecer em teorias para essa subordinação, trabalhando com conceitos como o de mulher, opressão e patriarcado (Piscitelli, 2009).

As formulações de gênero foram essenciais para o conceito que se tem atualmente, na visão de Haraway (2004) no contexto da dita segunda onda do feminismo político o debate estava baseado em determinismos biológicos e construcionismo social, o determinismo biológico defendia que as diferenças nasciam com os indivíduos, sendo determinadas pela biologia, por outro lado o construcionismo social alegava que as diferenças entre homem e mulher são resultado de construções sociais e culturais. Pode-se dizer que esta segunda onda do feminismo buscou contestar e desconstruir o modelo de identidade de gênero objetivando romper certas visões do conceito anterior.

Esse conceito foi difundido através da formulação da antropóloga Gayle Rubin em seu ensaio "O tráfico de mulheres: Notas sobre a economia política do sexo", publicado em 1975, o conceito trabalhava com sistema sexo/gênero, em que acordos transformam a sexualidade biológica em produto da atividade humana (Piscitelli, 2009).

Connell (2015) expõe que alguns dos defensores do antifeminismo tentaram encontrar justificativas científicas, trabalhando com "cérebro masculino" e "cérebro feminino", a autora enfatiza que esta busca por "explicações" se deu principalmente

por uma ansiedade social. Na década de 80 esse sistema criado por Rubin se disseminou rapidamente, o que gerou segundo Piscitelli (2009) críticas e assim a ideia de gênero passa por reformulações.

Após intensas discussões, outros debates foram sendo incorporados a política feminista, questões trazidas principalmente pelas feministas negras e do "Terceiro Mundo" que criticavam o enfoque de gênero único no sistema sexo/gênero, argumentando que o conceito deveria pensar um sistema de diferenças mais amplo como raça, classe, sexualidade, entre outras (Piscitelli, 2009). Neste contexto, as novas concepções de gênero deveriam se esforçar para eliminar qualquer naturalização da diferença sexual, Haraway (2004) apresenta que a noção da diferença foi central para a teoria feminista multicultural no final dos anos 1980 nos Estados Unidos.

Este conceito trabalhava com a diferença vivida por mulheres em diferentes grupos sociais, que possuíam visões de mundo distintas, buscando reconhecer e valorizar estas diferenças, além de buscar entender como o gênero se entrelaçaria. Posto isto, a partir dos anos 1990 os estudos de gênero passam a desafiar ainda mais as normas de gênero binárias, gênero passa a ser visto como construção do que somos e aprendemos ao longo do tempo, não se limitando a masculino e feminino.

Adicionalmente, esta é uma ideia defendida por estudiosos como Judith Butler, que defende que gênero não seria uma coisa estável, mas sim cultural e mutável

um gênero não é de forma alguma uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo – identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de certos atos. Os gêneros são instituídos pela estilização do corpo e, por isso, precisam ser entendidos como o processo ordinário pelo qual gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de gênero (Butler, 2019, p.222-223).

Pode-se dizer que essa visão de gênero socialmente construído pode ser entendida como um conceito aberto a mudanças. Connell (2015) evidencia que este argumento foi fundamental para entender gênero como algo mutável, desempenhado pela ação humana, as identidades de gênero não são unicamente masculinas ou femininas, mas sim variadas e influenciadas por diversos fatores sociais, culturais e individuais, ideias como estas defendidas por Judith Butler abrem espaço para novas concepções de gênero.

Em resumo, gênero ganha diversos significados, porém segue tendo caráter político em suas diversas concepções (Piscitelli, 2009). Agindo como uma forma de conduta, sendo que as normas e papéis de gênero não são fixos, mas sim construídos e transformados ao longo do tempo.

#### **4.1 A questão de gênero na profissão de bibliotecário**

Como abordado anteriormente, mulheres e homens são tratados de maneiras diferentes perante a sociedade, nos mais diversos cenários e espaços. O que também acontece no mercado de trabalho, com a divisão sexual do trabalho, que de acordo com Haraway (2004, p.228) “[...]foi também a primeira divisão de trabalho”, esta separação pode ser observada principalmente em sociedades regidas pelo sistema capitalista. Segundo Piscitelli (2009, p.138) essa delimitação seria

[...] uma divisão de tarefas de acordo com o sexo, que varia entre as culturas mas universalmente institui funções diferenciadas a homens e mulheres. A divisão sexual do trabalho faz com que a menor unidade econômica viável contenha pelo menos um homem e uma mulher e, assim, estabelece a dependência mútua entre os sexos.

Nesta divisão de tarefas por gênero, acabam sendo definidos quais papéis são para homens e mulheres, assim, a divisão sexual do trabalho, tem não só impactos econômicos, mas sociais, pois afeta diretamente a vida das mulheres. Conforme Daniel (2011, p.224) “[...] o mundo do trabalho é organizado de acordo com uma série de princípios que ultrapassam os limites do capital e impactam a vida de trabalhadores e trabalhadoras. Dentre eles está o princípio de gênero.”

Nessa visão Leite (2017, p. 51) ressalta que

Os papéis tradicionais de gênero foram socialmente construídos. De acordo com eles, os homens deveriam desempenhar o papel de “provedor”, responsável pelo trabalho produtivo, cujo salário deveria ser suficiente para o sustento da família. À mulher foi atribuído o papel de “cuidadora”, que deveria assumir responsabilidades familiares, sem remuneração. Essa ideia foi construída de acordo com a noção de que o exercício das responsabilidades familiares - cuidar de filhos/as e realizar tarefas domésticas - estaria relacionado a aptidões femininas tidas como “naturais”. Seguindo essa lógica, o mercado de trabalho foi estruturado para os homens, percebidos como trabalhadores que não precisavam se preocupar com responsabilidades familiares e, por isso, estavam totalmente disponíveis para o trabalho.

Nota-se que essa definição de atividade, contribuiu para moldar o mundo do trabalho, fato que irá contribuir para a divisão sexual do trabalho, que se consubstanciará na perpetuação das desigualdades entre os gêneros, como por

exemplo a desigualdade de salários. Segundo Hirata (2018, p.17) “Os salários femininos são inferiores aos salários masculinos, e há desigualdade salarial entre homens negros e brancos, mulheres negras e brancas.”<sup>1</sup>

Piscitelli (2009) discorre que a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser o ideal, apesar de as mulheres terem mais anos de estudo que a maioria dos homens, estas ainda são recebidas no mercado de trabalho com menores salários. Como expõe Daniel (2011) apesar de estarem presentes no mercado de trabalho as mulheres ocupam cargos com menos prestígio, o que reflete uma clara desigualdade entre os gêneros.

Outrossim, Daniel (2011, p. 338) traz que “A generificação do trabalho se manifesta das maneiras mais diversas e de maneiras também diversas são interpretadas pelos indivíduos, tanto mulheres e homens em profissões mistas, profissões ditas femininas ou masculinas.”

Com base nessa perspectiva, é evidenciado que a questão de gênero nas atividades ainda é presente, visto que algumas profissões ainda são ditas como mais adequadas para um gênero do que para outro. Ferreira (2003) uma das primeiras autoras a estudar a questão de gênero no campo da Biblioteconomia já abordava sobre profissões tidas como femininas, “[...] as profissões tradicionalmente reconhecidas como femininas: professora, enfermeira, assistente social e bibliotecária” (Ferreira, 2003, p.194). É válido destacar que isso indica uma continuidade de padrões de gênero nas escolhas profissionais, o que acarreta desvalorização e salários menores.

Nesse sentido, apesar de a profissão de bibliotecário em um primeiro momento surgir masculinizada, ao decorrer do tempo passou a se feminizar, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. “A história da constituição da profissão de bibliotecário demonstra que as primeiras bibliotecas possuíam homens as gerindo e a profissão bibliotecária se constituiu como feminina com o passar do tempo (Pires; Dumont, 2016, p.161).”

---

<sup>1</sup>Por meio do 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial, feito pelos ministérios das Mulheres e do Trabalho e Emprego, divulgado em 25 de março de 2024, observou-se que mulheres recebem 19,4% menos que os homens. No recorte racial, as mulheres negras enfrentam uma disparidade ainda maior, a remuneração média da mulher negra é de R\$ 3.041,00, a da não negra é de R\$ 4.552,45, totalizando uma diferença de 49,7% (Brasil, 2024).

Assim como coloca Martucci (1996) a imagem que se tinha da mulher no século XIX, era a de um ser puro e submisso, essa visão proporcionou a entrada dessas em profissões ditas femininas, em virtude também de um ponto de vista baseado em ideologias patriarcais, dessa maneira a autora enfatiza que isto fica evidente principalmente na profissão de professora e bibliotecária, pois estes ofícios eram vistos como uma extensão de casa, em que as mulheres poderiam conciliar trabalho e atividades domésticas.

Pires (2016) expõe que trabalho nas bibliotecas historicamente foi sendo visto como uma extensão do trabalho doméstico, como organização e cuidado que são atividades atribuídas as mulheres, influenciados também por fatores econômicos, sociais e ideologias de gênero. Para Forrest (2014) o curso de Biblioteconomia por longos anos foi tido como um curso “espera marido”, o que reduz também a credibilidade do curso, e fortalece essa imagem dele como feminino.

Sob essa ótica Pires e Dumont (2016, p.161) ressaltam que “A profissão de bibliotecário se inclui nesse grupo de profissões femininas, que vêm tentando se diversificar e sair do rol de profissões marcadas por determinado sexo.”

Embora esforços estejam sendo colocados para transformar essa realidade de uma área apenas feminina, ideias como esta ainda perduram em uma grande parcela da sociedade. Dessa forma, em uma pesquisa realizada pela autora Mary Ferreira (2019) observou-se que 57% dos brasileiros responderam afirmativamente com relação a consideram a profissão de bibliotecário predominantemente feminina, e 43% não consideram. É evidente que o senso comum tem uma visão construída acerca deste campo de trabalho, onde as mulheres são o principal foco, o que também pode ser acarretado tendo em vista a divisão sexual do trabalho.

Com base nas considerações de Ferreira (2003) compreende-se que há uma espécie de “cegueira” crítica por parte dos profissionais da área em relação a questões de gênero que de certa forma moldam a valorização da profissão. Além disso, a falta de análise crítica sobre sua área também acarreta visões preconcebidas pela sociedade, nessa linha de raciocínio Basilio (2024) reflete que muitas profissionais não veem essa desvalorização relacionada a ser uma área compreendida como feminina, ou seja, há uma desconexão da realidade com o pensamento das profissionais no que diz respeito a valorização.

Pires e Dumont (2016) trazem que profissões formadas em maioria por mulheres tem um menor “valor” diante da sociedade, como ocorre na de bibliotecária.



Percebe-se que cenários como estes são regidos por relações de gênero, que como abordam Pires e Paula (2022) estão envolvidas em desigualdades de poder, em que homens e mulheres possuem papéis diferentes e desiguais, que influenciam tanto escolhas pessoais, quanto profissionais já que demarcam uma supremacia masculina.

Por esse ângulo observa-se que estas profissões vistas como femininas, sofrem de certa forma uma opressão por parte da sociedade, como a de bibliotecária, constantemente desvalorizada e inferiorizada. Como destacam os autores Pires e Paula (2022) a profissão de bibliotecária é nitidamente dominada por relações de gênero, principalmente em virtude do processo de feminilização sofrido, sendo assim, estes processos ainda influenciam atualmente nos estereótipos de gênero, sobretudo na maneira como é percebida socialmente com o estigma de menor prestígio reconhecimento devido ao predomínio das mulheres na área

Dessa forma, para Pires e Dumont (2016) com as relações de gênero em pauta na sociedade, quanto mais homens presentes em determinada profissão, mais elevado é o status desta, isto reflete a força e o poder masculino. Como refletem Ferreira e Veiga (2013) o patriarcado se mantém presente, mesmo após anos de luta dos movimentos feministas, este sistema de opressão ainda se adaptada por meio de mecanismos sutis e complexos dentro da estrutura social e política.

Constata-se que apesar da categoria gênero ter conseguido desconstruir ideias de que as diferenças entre homens e mulheres, são naturais e biológicas, e revelar que na verdade são construídas de maneira social e cultural, a sociedade ainda segue pautada em relações de gênero desiguais, que subjugam mulheres constantemente. Uma vez que algumas profissões, como a de bibliotecária, ainda sofrem com a opressão e sistema patriarcal da divisão sexual do trabalho, o sendo refletido em salários menores, desvalorização e estereótipos de gênero.

## 5 O BIBLIOTECÁRIO NAS PÁGINAS LITERÁRIAS: percurso metodológico

Para que o fazer seja considerado científico, é necessário apresentar métodos e metodologia científica. Como destacam Gaio; Carvalho e Simões (2008, p.153-154):

[...] é pertinente que a pesquisa científica esteja alicerçada pelo método e pela metodologia, o que significa a capacidade de observar, selecionar e organizar cientificamente os caminhos que devem ser percorridos para que a investigação se concretize.

Dessa maneira, para responder ao objetivo deste estudo que consiste em analisar a representação de gênero sobre o bibliotecário em obras literárias, a metodologia desta pesquisa se caracteriza como pesquisa bibliográfica, com análise de conteúdo. Gil (2002) ressalta que a pesquisa bibliográfica utiliza materiais já prontos e elaborados, como livros e artigos científicos que buscam embasar os estudos, Severino (2013) complementa que esse tipo de pesquisa consiste na análise de registros que já existem, que irão servir de base para o desenvolvimento de novos estudos.

Conseqüentemente, o método de pesquisa está baseado na análise de conteúdo, que Bardin (2010) define como um conjunto de instrumentos organizados para interpretar e identificar os significados de conteúdos, pode ser tida como um método de investigação que possibilita não só a averiguação, mas, o entendimento de significados e mensagens. Ademais, Severino (2013) destaca que este método examina e interpreta informações em diferentes formas de comunicação, verbal ou não, como textos escritos, falados, gestos e imagens, possui o objetivo de compreender esses processos de maneira crítica, identificando os diferentes sentidos.

De acordo com Triviños (1987) a análise de conteúdo apresenta três etapas: sendo elas a pré-análise, a descrição analítica e interpretação inferencial. A primeira etapa, que é a de pré-análise seria a organização do material, com leitura e primeiras impressões, já a segunda etapa a de descrição analítica, começa ainda na fase anterior, porém, aqui o material selecionado é estudado de maneira mais profunda, trabalhando com processos como a codificação (atribuição de códigos aos trechos separados), classificação (organização das informações) ou categorização (definição de categorias dentro da análise). A terceira fase, a de interpretação inferencial, diz respeito ao levantamento das questões estudadas e as reflexões propriamente ditas.

Para mais, segundo os procedimentos, a abordagem escolhida para a pesquisa foi a qualitativa, Minayo (2001) sustenta que a pesquisa qualitativa não se limita a

medir ou quantificar dados, mas busca entender profundamente os fenômenos, Gil (2002) comenta que a abordagem qualitativa é mais aberta e complexa que a quantitativa, pois depende da compreensão de maneira profunda dos contextos dos dados, o que colidi justamente com os princípios da análise de conteúdo.

Tomando isto como base, como citado anteriormente o bibliotecário é representado no imaginário popular de variadas maneiras, por outro lado é recorrente que essas representações sejam estereotipadas e negativas. Segundo a perspectiva de Lessa e Santos (2019, p. 49) “O profissional bibliotecário, enquanto personagem de literatura de entretenimento, não escapa do ciclo vicioso das representações sociais defasadas e com repetidas personificações, da literatura infanto-juvenil aos best-sellers do The New York Times.”

Com base nesse pressuposto, para o objeto de análise buscou-se trabalhar com obras com protagonistas bibliotecários ou com algum personagem bibliotecário, para tanto inicialmente selecionou-se 40 obras, principalmente por buscas online em sites e na rede social *Instagram*. Porém, pelo critério de exclusão e buscando atender melhor os objetivos, definiu-se obras de 2010 a 2024, esta temporalidade foi pensada buscando observar as transformações de descrições ao longo dos anos, se optando por obras mais recentes que ainda não foram analisadas trazendo certa atualidade a pesquisa. Assim, totalizou-se 10 obras como listadas a seguir no Quadro 1:

**Quadro 1- Obras analisadas**

| <b>Gênero literário</b>   | <b>Autor(a)</b> | <b>Título</b>                 | <b>Nome dos Personagem</b> | <b>Ano da obra</b> |
|---------------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------------|--------------------|
| Literatura infantil       | Roald Dahl      | Matilda                       | Sra. Felps                 | 2010               |
| Romance erótico           | Logan Belle     | A Bibliotecária               | Regina Finch               | 2013               |
| Romance                   | Jenny Colgan    | A pequena livraria dos sonhos | Nina Redmond               | 2019               |
| Literatura infantojuvenil | Martin Widmark  | O mistério da Biblioteca      | Karina Fahlén              | 2019               |

|         |                   |  |                         |      |
|---------|-------------------|--|-------------------------|------|
| Romance | Matt Haig         | A Biblioteca da Meia-Noite               | Louise Elm, Sra. Elm    | 2021 |
| Romance | Meg Cabot         | Sem ofensas                              | Molly Montgomery        | 2023 |
| Romance | Emily Henry       | Nem Te Conto                             | Daphne Vicent; Ashleigh | 2024 |
| Conto   | Caroll Marinheiro | 3 dias na vida                           | Lívia                   | 2024 |
| Romance | Lucy Score        | As Coisas que Deixamos Para Trás         | Sloane                  | 2024 |
| Romance | Lucy Gilmore      | Clube de leitura dos corações solitários | Sloane Parker           | 2024 |

**Fonte:** Elaboração própria, 2024.

Adicionalmente, procedeu-se à elaboração de uma ficha de leitura (Apêndice A) como instrumento de coleta de dados, já que foi necessário ler cada uma das obras na íntegra para realizar a análise, além disso, para a elaboração da ficha teve-se como base a pesquisa de Jacobsen (2010). Assim como, alguns dos livros analisados apresentaram mais de um personagem bibliotecário, chegando ao total de 16 personagens.

Como também, a análise se dividiu em dois momentos, no primeiro foi feito a descrição das obras individualmente com base na folha de leitura, onde desenvolveu-se uma sinopse para cada obra analisada, buscando destacar o nível de importância do personagem na história. No segundo momento a pesquisa procedeu o processo de categorização, assim, as escolhas destas categorias foram influenciadas pelo trabalho de Jacobsen (2010).

Outrossim, se abordou duas dimensões principais, para o processo de categorização, com o gênero e representação social, com quatro categorias: gênero, idade, uso de óculos, uso de coque, para personagens do gênero feminino. A segunda

dimensão trata sobre a construção de identidades do bibliotecário com três categorias principais: destaque na obra, vestimenta e personalidade.

**Quadro 2** - Delimitação das categorias

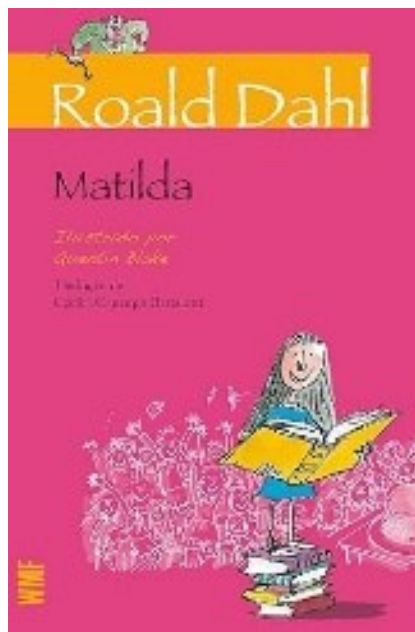
| DIMENSÕES                     | CATEGORIAS   |
|-------------------------------|--|
| Gênero e representação social | Gênero<br>Idade<br>Uso de Óculos<br>Uso de Coque (para personagens do gênero feminino) |
| Construção de identidades     | Destaque na obra<br>Vestimenta<br>Personalidade  |

**Fonte:** Elaboração própria, 2024.

Assim sendo, como apresentado abaixo tem-se a sinopse, com o nome do personagem bibliotecário, título do livro e o autor:

**a) Sra. Felps “Matilda – Roald Dahl”**

**Figura 1-** Capa de Matilda



**Fonte:** Amazon (2024)

O livro “Matilda” é considerado por muitos um clássico da literatura infantil, escrito pelo britânico Roald Dahl, que é um dos mais aclamados autores de livros

infantis, esta obra foi publicada pela primeira vez em 1988, sendo um sucesso tanto em público, quanto em crítica. A história acompanha Matilda uma criança incrivelmente inteligente, com pais que passam grande parte do tempo vendo televisão, sendo assim, a menina é constantemente negligenciada e ignorada.

Matilda encontra conforto nas páginas de livros, passando horas na biblioteca, presa em histórias e mundos, sendo observada pela bibliotecária Sra. Felps. Já seus pais acham estranho ela gostar tanto de ler. Em resposta às constantes maldades que enfrenta, a menina começa a pregar peças em seus pais como: colar o chapéu de seu pai em sua cabeça com supercola, esconder um papagaio na chaminé da casa e descolorir secretamente o cabelo de seu pai.

Na escola, a professora Srta. Mel percebe suas habilidades intelectuais, de forma que elas rapidamente criam um vínculo forte de amizade. Para a diretora da escola Sra. Taurino, Matilda não passa de uma fingida. Ao longo do livro a menina descobre seus poderes de telecinese e os usa como forma de enfrentar a diretora e buscar por justiça.

Na narrativa a Sra. Felps, a bibliotecária que trabalha na biblioteca local, desempenha um papel marcante, porém pequeno, ela percebe a inteligência única da menina, ficando impressionada com a habilidade desta em ler livros complexos para além de sua idade, guiando assim a pequena leitora com sede de conhecimento, por novas leituras. A Sra. Felps é representada como uma senhora gentil e acolhedora, que tem um impacto positivo na vida da menina, ajudando-a a fugir por meio dos livros, das dificuldades que enfrenta em casa.

#### **b) Regina Finch “A Bibliotecária – Logan Belle”**

**Figura 2-** Capa de A Bibliotecária



**Fonte:** Amazon (2024)

“A Bibliotecária” livro de Logan Belle, originalmente “The Librarian”, foi inspirado na pin-up famosa, Bettie Page. No Brasil este livro foi lançado em 2013 pela Editora Record. Esta história segue a vida de Regina Finch, uma bibliotecária, que após finalizar sua pós-graduação em Bibliotecas e informática, consegue realizar seu sonho de trabalhar na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Tendo que se mudar do estado da Pensilvânia para a cidade de Nova Iorque, de maneira que ela não tem amigos na cidade, Regina acaba dividindo um apartamento com Carly Ronak uma universitária, com um estilo de vida agitado, baseado em namoros rápidos.

Ao contrário Carly, Regina nunca namorou, é virgem e inexperiente, já que sua vida sempre fora resumida aos estudos e a sua carreira. No entanto, isso muda quando ela flagra Sebastian Barnes, um homem rico, e um dos investidores da biblioteca, em um momento íntimo em uma sala privada da biblioteca.

Esse encontro marca o início de uma atração mútua, que se transforma em um jogo de sedução, com um romance proibido e apaixonante, pelo homem enigmático que coloca em foco suas próprias regras e limites.

Na obra a bibliotecária é descrita como tímida e reservada, até mesmo é taxada de inocente e ingênua pelo protagonista. Também é destacado seu estilo clássico e formal por outros personagens. Como é comum nesse tipo de romance o foco está na autodescoberta da protagonista com relação ao sexo, sendo em muitos momentos uma trama rasa.

c) Nina Redmond “A pequena livraria dos sonhos – Jenny Colgan”

Figura 3- Capa de A pequena livraria dos sonhos



Fonte: Amazon (2024)

Da escritora Jenny Colgan, autora britânica best-seller, “A Pequena Livraria dos Sonhos” é um romance encantador do ano de 2019, publicado pela editora Arqueiro. Acompanhamos a protagonista, a bibliotecária Nina Redmond, que se vê prestes a perder seu emprego com o fechamento de uma das Bibliotecas Públicas de Birmingham, na Inglaterra onde os cortes estão acontecendo e o fechamento de muitas outras pelo país está acontecendo.

Tomando isto como incentivo, no auge de seus 29 anos, Nina decide seguir seu coração e mudar o rumo da sua vida, buscando a realização de um antigo sonho. Carregando consigo sua coragem, economias e amor pelos livros, ela decide transformar uma van em uma espécie de livraria itinerante, se mudando para a Escócia, recomeçando em um vilarejo nas Terras Altas. Em sua nova vida Nina passa por vilarejos charmosos com paisagens deslumbrantes, e a cada parada ela leva consigo não apenas livros, mas também a esperança através das histórias, em meio a sua própria jornada ela também encontra o amor, o que traz um toque especial ao livro, com um desfecho de autodescoberta e final feliz.

Ademais, a protagonista é representada como alguém tímida e introvertida na maioria das vezes, sendo um tanto quieta e isolada, alguém que vive a vida observando pôr em meio aos livros. Em alguns momentos ela enfatiza que se sente



um tanto quanto invisível, isso muda um pouco com a decisão desta de partir em busca de seu sonho.

**d) Karina Fahlén “O mistério da Biblioteca – Martin Widmark”**

**Figura 4-** Capa de O mistério da biblioteca



**Fonte:** Amazon (2024)

A obra “Mistério na Biblioteca”, de 2019, do escritor Martin Widmark, é um dos livros mais famosos do autor, considerado um dos grandes nomes da ficção infantojuvenil na Europa atualmente. Seus livros já foram traduzidos para mais de 15 idiomas, este volume faz parte da coleção “Agência de Detetives Marco & Maia”.

Este volume segue mais um mistério que Marco e Maia, jovens detetives, buscam desvendar com seu negócio: a Agência de Detetives Marco & Maia, os dois amigos que são apaixonados por romances policiais, aproveitam seu tempo livre nas férias de inverno, para ajudar a resolver os crimes na cidade de Valleby, na Suécia.

O caso do momento a ser solucionado é o sumiço de livros valiosos e raros da biblioteca de Valleby, que conta com um esquema de segurança e olhos atentos da bibliotecária Karina Fahlén. Marco e Maia então começam a monitorar os frequentadores da biblioteca, com o objetivo de descobrir o culpado, eles se encontram com um caso difícil de ser solucionado, porém com perspicácia e inteligência conseguem encontrar o culpado.

Karina Fahlén a bibliotecária é caracterizada de maneira caricata, como uma senhora, com óculos e postura curvada. Além disso, é uma personagem secundária sem grande destaque na história.

**e) Louise Elm, Sra. Elm “A biblioteca da meia-noite- Matt Haig”**

**Figura 5-** Capa de A biblioteca da meia-noite



**Fonte:** Amazon (2024)

Um livro intenso, profundo e cativante, “A Biblioteca da meia-noite” do escritor Matt Haig, já vendeu mais de 2 milhões de exemplares no mundo todo. Reproduzido no Brasil em 2021, pela editora Bertrand Brasil, sendo um sucesso de vendas nacional. Esta obra traz uma mistura de elementos como fantasia, ficção científica, e reflexões filosóficas, seguindo Nora Seed uma mulher de 35 anos que não vê mais sentido na vida, e assim tenta tirar sua própria vida, porém, ela ganha uma oportunidade única de viver todas as vidas que poderia ter vivido, ao encontrar a misteriosa Biblioteca da meia-noite.

Com o auxílio da Sra. Elm, a bibliotecária da *Hazeldene School*, biblioteca da antiga escola de Nora. Ela se encontra diante dos livros da biblioteca que representam versões alternativas de vidas e caminhos que Nora poderia ter seguido. Por meio de metáforas e grandes reflexões sobre a vida e a existência, a personagem tenta descobrir o que faz a vida valer a pena.

Neste livro a bibliotecária Louise Elm, para Nora a Senhora Elm, é uma personagem secundária que desempenha um papel importante ao longo da jornada da protagonista. Sendo retratada como uma senhora simpática, na faixa dos 60 anos, ela atua como uma espécie de guia ao longo das vidas que Nora vai descobrindo na biblioteca que se passa a obra.

**f) Molly Montgomery e Phyllis Robinette “Sem ofensas – Meg Cabot**

**Figura 6-** Capa de Sem ofensas



**Fonte:** Amazon (2024)

Lançado em 2023 pela editora Record, “Sem ofensas” de Meg Cabot é uma comédia romântica envolvente, este é o segundo volume da série “The Little Bridge Island”, que se passa em uma ilha fictícia chamada *Little Bridge*, no Sul da Flórida. A trama gira em torno de Molly Montgomery, bibliotecária da seção infantil da Biblioteca Pública da Ilha de Little Bridge, uma verdadeira apaixonada por livros e por bons mistérios.

Molly finalmente se sente em casa na pequena ilha, após conseguir o emprego por intermédio de sua mentora a bibliotecária anterior, Phyllis Robinette que agora é uma senhora que sempre que pode está na biblioteca ajudando voluntariamente. Até que em um dia movimentado na seção infantil da biblioteca, Molly acaba encontrando uma recém-nascida abandonada no banheiro da biblioteca, e desesperada chama a polícia.

John Hartwell o delegado da pequena ilha, recebe a denúncia, e além de ter que lidar com a curiosidade dos moradores sobre o caso, também precisa lidar com Molly tentando bancar a detetive, para descobrir a identidade da mãe do bebê e os motivos por trás desse abandono. A princípio, os dois não se dão bem, no entanto com o tempo uma atração surge entre eles.

As duas personagens bibliotecárias são apresentadas de maneiras distintas, Phyllis, a Sra. Robinette é uma “mulher bem velhinha” como John a descreve, cabe enfatizar a importância de Phyllis na vida do protagonista, quando ele era menino, pois

ela foi responsável por lhe despertar o gosto pela leitura, lhe apresentando livros de biografais que fizeram ele se tornar delegado. Já Molly é tida como uma mulher jovem, divertida e até mesmo um pouco desajeitada, assim como, desempenha um papel interessante e significativo na história.

**g) Daphne Vicent e Ashleigh Rahimi “Nem te conto – Emily Henry”**

**Figura 7-** Capa de Nem te conto



**Fonte:** Amazon (2024)

Este livro do ano de 2024, é de autoria da escritora americana Emily Henry, originalmente intitulado de “Funny Story”, destaque na lista dos best-sellers do *The New York Times*. No Brasil está publicado pela editora Verus, com 448 páginas. Ambientado na pequena cidade de *Waning Bay*, em Michigan, nos Estados Unidos, o romance é encantador e repleto de humor. Os protagonistas, Daphne Vicent e Miles Nowak, começam a dividir um apartamento após uma reviravolta inesperada em suas vidas: o noivo de Daphne, Peter, se apaixona por sua melhor amiga, Petra, namorada de Miles, levando ambos os relacionamentos ao fim.

Daphne, então, vê sua vida virar de cabeça para baixo. Ela se encontra sozinha na cidade natal de seu ex-noivo, morando com Miles, ex-namorado da atual de Peter. Embora sua vida pessoal esteja em crise, ela consegue realizar seu sonho de trabalhar como bibliotecária no setor infantil da Biblioteca Pública de *Waning Bay*.

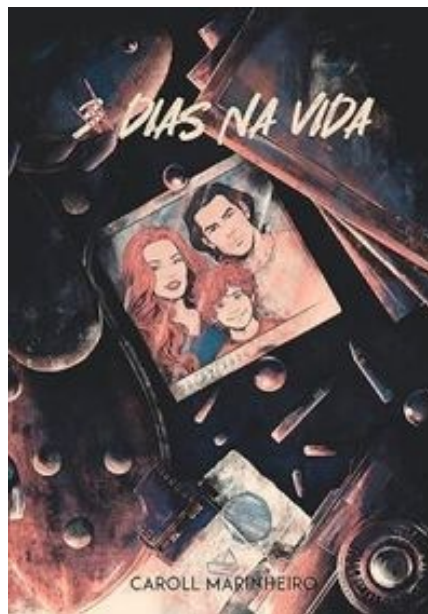
Ao longo da história, Daphne é descrita como discreta e prática, de forma que a equipe da biblioteca, que consiste na bibliotecária responsável pelo planejamento,

Ashleigh, o gerente da filial, Harvey e o assistente de biblioteca, Landon, sabem tão pouco ao seu respeito, que apostam que ela é do FBI ou está em um programa de proteção a testemunhas. Em contraste a Daphne, Ashleigh é descrita como assustadora, sendo temida por muitos usuários.

O livro não se resume apenas a um romance, mas também a uma jornada de autoconhecimento de Daphne. No caminho para recomeçar, ela vive uma história envolvente de paixão com Miles e uma amizade inesperada com Ashleigh, que a fazem reconsiderar sua ideia de deixar a cidade. Enquanto Daphne se dedica ao seu trabalho com paixão, o livro mostra como ela aprende a se redescobrir e a perceber o que realmente importa, equilibrando suas aspirações profissionais com o novo rumo que sua vida toma. Embora a profissão de bibliotecária seja significativa para a narrativa, ela é apenas uma parte da história, não o centro dela.

#### h) Livia “3 dias na vida - Caroll Marinheiro”

**Figura 8-** Capa de 3 dias na vida



**Fonte:** Amazon (2024)

Este conto do ano de 2024, de autoria de Caroll Marinheiro está publicado em formato de E-book, de maneira independente na plataforma Amazon. A premissa do conto é interessante e promissora, nesta história breve conhecemos Livia, bibliotecária, mãe e esposa, durante três dias de sua vida, acompanhando sua rotina, pensamentos e questionamentos internos.

Livia é uma mulher que se sente vivendo em uma espécie de "piloto automático", percebendo que não está vivendo a sua vida, mas, sim a vida que as

peessoas esperam dela. Ela resolve assim fazer uma mudança de atitudes e comportamentos rotineiros, tentando achar um jeito de fazer as coisas de maneira diferente. De maneira geral a trama traz reflexões e questionamentos importantes, além de contar com um final surpreendente.

A protagonista é descrita como jovem, bibliotecária do setor de referência, Livia se limita a empréstimos, informações e devoluções de livros na estante. Em alguns momentos sua insatisfação com a vida reflete no trabalho que esta desenvolve na biblioteca que trabalha, como se estivesse parada no tempo.

i) **Sloane Walton, Jamal e Kristin “As Coisas que Deixamos Para Trás – Lucy Score”**

**Figura 9-** Capa de As coisas que deixamos para trás



**Fonte:** Amazon (2024)

O livro “As Coisas que Deixamos Para Trás” é o terceiro livro da série Knockemout, da escritora Lucy Score, que é best-seller do *New York Times* e do *USA today*, com mais de 7 milhões de cópias vendidas. A série composta por três livros mistura um pouco de romance, comédia e drama, com isso conquistou milhares de leitores, tornando-se sucesso nas redes sociais, principalmente no TikTok.

Neste terceiro livro, conhecemos mais afundo Sloane Walton e Lucian Rollins, que são apresentados nos livros anteriores de maneira breve. Sloane é a bibliotecária chefe da Biblioteca Pública da pequena cidade de Knockemout, uma mulher destemida, sensível e inteligente, já Lucian é um magnata implacável e impassível,

juntos os dois compartilham um passado complicado e doloroso, que os fez se tornarem inimigos declarados.

Com a morte do pai, Simon Walton, e a volta do inimigo, Lucian Rollins, a Knockemout, a vida de Sloane torna-se um caos, além do luto, ela precisa lidar com feridas antigas reabertas. Sloane e Lucian agora se esbarrando constantemente na cidade, vivem entre discussões e farpas trocadas, assim uma química inegável nasce, e a linha entre o ódio e o amor se torna cada vez mais tênue.

Buscando honrar a memória do pai e proteger a si mesma, a protagonista se envolve na investigação de um caso que foi abandonado por seu pai. Aproximando-se ainda mais de Lucian, e em um impulso momentâneo, eles cedem à tentação e ao desejo. No entanto, seus desejos contrastam, enquanto Sloane anseia por um futuro junto, Lucian evita qualquer compromisso sério.

Na história Sloane ser bibliotecária não é apenas um detalhe de sua vida, mas sim um elemento fundamental que molda sua personalidade e por vezes influencia a narrativa. Visto que ela trabalhou duramente para a biblioteca se tornar mais do que um depósito de livros, buscando a expansão do catálogo, dos programas e serviços ofertados, além de patrocínio para a reestruturação do prédio. Contando com uma equipe de dois bibliotecários além dela: Jamal o bibliotecário responsável pelos serviços do público jovem/infantil e Kristin bibliotecária dos serviços para adultos, além de voluntários nas diferentes atividades. Sloane ao decorrer do livro tenta sempre inovar com a biblioteca, com rodas de conversas com escritores, hora da história temática e espaços interativos.

**j) Sloane Parker, Mateo e Octavia “Clube de leitura dos corações solitários – Lucy Gilmore”**

**Figura 10-** Capa de Clube de leitura dos corações solitários





**Fonte:** Amazon (2024)

Em uma história principalmente sobre amizade, autossuficiência e superação, “Clube de Leitura dos Corações Solitários” de Lucy Gilmore, lançado em 2024, explora a amizade um tanto incomum entre Sloane Parker, uma bibliotecária solitária e apaixonada por livros que ao conhecer Arthur McLachlan, um senhor ranzinza frequentador assíduo da biblioteca, vê seus dias sendo mudados pelos desaforos diários travados por eles.

Eles começam uma espécie de batalha de palavras dia após dia, até que um dia Arthur não aparece, o que preocupa Sloane. Então ela infringe uma regra estabelecida pela bibliotecária chefe, Octavia, de não buscar informações pessoais sobre os usuários, indo assim atrás do velho ranzinza, a bibliotecária que é tida como impetuosa, acaba demitindo-a. A protagonista acaba descobrindo um Arthur acamado, debilitado e principalmente solitário, que apesar de tudo não esconde a felicidade ao vê-la.

Na tentativa de monitorar Arthur e mantê-lo ocupado, Sloane decide criar um clube do livro. Esse grupo reúne personagens inesperados, como a vizinha solitária, Mateo, um dos bibliotecários da Biblioteca Couer d’Alene onde Sloane trabalhava, Greg, o neto distante de Arthur que reaparece de repente, e até um amigo do passado do senhor. Nesses encontros esses personagens se conectam e criam laços que os ajudam a lidar com suas próprias questões, por meio não só dos livros, mas da companhia um do outro.



Os três personagens bibliotecários são descritos de maneiras distintas, Octavia uma das personagens que interage com a protagonista, é destacada como uma senhora que exerce a tempo demais a profissão e conhece todas as tabelas da Classificação Decimal de Dewey, enquanto Mateo um dos personagens secundários, nos remete alguém que não se encontra totalmente na profissão, ele que já exerceu diversas profissões, como a de enfermeiro, enfatiza ao longo dos capítulos que não nasceu para ser bibliotecário. Já Sloane, a protagonista, ao longo da narrativa é descrita como quieta, reservada, insegura e até mesmo previsível, uma mulher solitária que ao decorrer dos capítulos ganha força e começa a mudar algumas dessas características transformando-se graças ao clube do livro.

Após entendermos cada obra de maneira individual, é relevante seguir para as categorias relacionadas ao Gênero e representação social, conforme apresentado abaixo:

### 5.1 Gênero e representação social

Para a análise de gênero e representação social do profissional bibliotecário nas obras, trabalhou-se com quatro categorias, sendo elas: gênero, idade, uso de óculos, e apenas para personagens do gênero feminino, uso de coque, cada categoria foi subdividida, o quadro a seguir ilustra cada uma:

**Quadro 3** - Categorias e subcategorias em gênero e representação social

| CATEGORIA                                 | SUBCATEGORIA                                    |
|---|---|
| Gênero                                    | Masculino<br>Feminino                           |
| Idade                                     | Jovem,<br>Meia-Idade,<br>Idoso<br>Não Informado |
| Uso de óculos                             | Sim<br>Não                                      |
| Uso de coque (para personagens femininas) | Sim<br>Não                                      |

**Fonte:** Elaboração própria, 2024.

Na categoria de gênero, dividiu-se em duas subcategorias: masculino e feminino. Entre os 16 personagens analisados, observou-se um predomínio do gênero feminino com quatorze mulheres, e apenas dois homens. Destaca-se como este número maior de personagens femininas reflete diretamente ao estereótipo de gênero da profissão, que permeia o imaginário popular como feminina. Pires e Paula (2022) abordam que esta profissão é refletida por dinâmicas sociais relacionadas ao gênero, já que nasce masculina e torna-se feminina, isto acaba por influenciar a identidade da profissão, como destacado por Sousa (2014) o gênero na formação da identidade profissional tem papel significativo tanto de como o profissional se vê, como para representações sociais.

Dentro da categoria de Idade, separou-se em quatro subcategorias, sendo elas: jovem, meia-idade, idoso e não informado. A subcategoria jovem delimita personagens com idade até 30 anos, a de meia idade trabalha com o limite de 35 a 59 anos, já a de idoso segue a idade definida de 60 e acima, a de não informado compete a subcategoria em que a idade não foi informada.

Ainda assim, a subcategoria de idade que mais se faz presente nos livros analisados é a de jovem, estando nos livros: *A Bibliotecária*; *A pequena livraria dos sonhos*; *Sem ofensas*; *Nem te conto*; *3 dias na vida*; *As Coisas que Deixamos Para Trás* e *o Clube de leitura dos corações solitários*. Com os personagens: Regina; Nina; Molly; Daphne; Livia; Jamal e Sloane Parker. Estas obras se alinham principalmente por se tratar de publicações mais recentes em relação ao ano de lançamento, o que reflete uma certa mudança de visões sobre a profissão trazendo um dinamismo e modernização da figura bibliotecária.

Entretanto, também cabe reforçar que os personagens ditos jovens podem sofrer um certo etarismo por conta da “pouca idade”, como é o caso da personagem Regina em “*A bibliotecária*”, que quando começa a trabalhar na Biblioteca Pública de Nova Iorque é designada ao balcão de referência, principalmente por sua chefe a achar jovem e inexperiente, para o trabalho no setor de arquivos, apesar de sua especialização na área. Assim como é o caso de Sloane Parker em “*Clube de leitura dos corações solitários*”, que em um dia normal na Biblioteca está fazendo a devolução de livros na estante, e ao conhecer o usuário assíduo Arthur é chamada de maneira irônica de jovem, como no trecho “— Você está bloqueando a seção de história romana, juvenzinha” (Gilmore, 2024, p.11).

Estes dois casos corroboram com a visão de Walter (2008) que argumenta que mesmo quando se tem um bibliotecário jovem representado, as suas tarefas estão resumidas a recolocação de material nas estantes, que normalmente é uma tarefa do auxiliar de biblioteca.

No que diz respeito a subcategoria de idoso, esta é a segunda que mais aparece, com as personagens: Sra. Felps (Matilda); Sra. Elm (A biblioteca da meia-noite); Phyllis (Sem ofensas); Karina (O mistério da Biblioteca) e Octavia (Clube de leitura dos corações solitários). Além disso, a Sra Felps e Karina tem uma representação visual por se tratar de dois livros voltados ao público infantil, como mostrado abaixo nas ilustrações:

**Ilustração 1** - Representação da Sra. Felps no livro "Matilda" (ilustração Quentin Blake)



**Fonte:** Dahl, 2010.

**Ilustração 2** - Representação de Karina Fahlén no livro "O mistério da biblioteca" (ilustração Helena Willis)



**Fonte:** Widmark, 2019.

Ambas as imagens trazem figuras mais caricatas e ditas clássicas da bibliotecária, isto corrobora com o que foi mencionado anteriormente no pensamento de Walter (2008) que sugere que a profissão está muitas vezes relacionada a mulheres idosas. Estas representações visuais desempenham papel fundamental, principalmente por se tratar de livros voltados a um público, infantil e infante juvenil, que ainda está se entendendo no mundo.

Além disso, alguns trechos dos livros analisados trazem a descrição destas personagens como idosas, como no trecho de “A biblioteca da meia-noite que Nora descreve a profissional da Biblioteconomia: “A Sra. Elm tinha cabelos grisalhos e curtos, além de um simpático rosto ovalado e com poucas rugas, que pairava pálido sobre a gola alta do suéter verde-tartaruga. Era já um tanto idosa” (Haig, 2021, p.11-12). Esta descrição indica que apesar da idade alguns traços de jovialidade são mantidos, sendo que a idade não a define de maneira negativa.

Na passagem de “Sem ofensas”, Phyllis é descrita por John de maneira um tanto pejorativa, “– Olá – disse ele para a mulher bem velhinha sentada na recepção. John teve a sensação de que conhecia a bibliotecária do tempo em que ele era menino. Mas ela já era tão velha naquela época que certamente devia estar morta agora” (Cabot, 2023, p.24). Essa representação evidencia que a personagem já é vista como alguém bem idosa e até mesmo frágil.

Outro fragmento separado é o de Octavia em que sua idade é tida como um termômetro “[...]Octavia era uma profissional raiz. Tinha mais anos de experiência do que eu de vida e sabia a classificação decimal de Dewey de cor” (Gilmore, 2024, p.17). Apesar de ser um marcador de idade também enfatiza sua competência profissional, trazendo também uma imagem positiva.

De maneira adicional, a divisão meia-idade aparece com menos frequência nos livros analisados, com apenas quatro personagens nessa faixa etária, sendo eles: Asleigh (Nem te conto); Sloane Walton (As coisas que deixamos para trás); Kristin (As coisas que deixamos para trás) e Mateo (Clube de leitura dos corações solitários). Essas figuras fictícias nessa faixa de idade são descrevidas de maneiras variadas e até mesmo chegam a fugir de representações caricatas, como é o caso de Kristin,

“Ela era uma mulher cheia de curvas na faixa dos 50 anos que começou a namorar motociclistas e fazer pole dance após o divórcio” (Score, 2024, p.205). Essa citação sugere uma pessoa em reinvenção, combinando elementos que desafiam as descrições comuns e expectativas sociais.

A subcategoria de não informado, referente à idade dos participantes não foi encontrada nas obras analisadas. Logo, a categoria de idade mostrou-se um fator relevante na caracterização dos personagens, estando presente na representação de todos os personagens.

Outro ponto abordado dentro do gênero e representação social, foi a categoria da presença de óculos, que como citado anteriormente está ligado intimamente ao estereótipo do bibliotecário. Dividido em sim e não, constatou-se que dos 16 personagens analisados, 6 fazem o uso de óculos, sendo eles: Sra. Felps; Karina; Sloane Walton; Jamal; Kristin e Octavia. Salienta-se que três destas personagens são idosas (Sra. Felps, Karina e Octavia), o que certamente traz esse tom de envelhecimento as personagens, como nas ilustrações abaixo:

**Ilustração 3** - Representação da Sra. Felps e de Karina Fahlén utilizando óculos (ilustrações Quentin Blake; Helena Willis)



**Fonte:** Dahl, 2010; Widmark, 2019.

Também se compreende que o uso de óculos passa uma imagem mais intelectual e experiente, construindo uma estética de alguém detentor de conhecimento, ou seja, um sábio.

A última categoria analisada dentro de gênero e representação social, foi o de uso do coque, que conforme observado é associado a personagens do gênero feminino. Esta categoria está diretamente relacionada ao estereótipo do uso de óculos, e como na anterior foi feita a distinção entre sim e não, porém não foi

constatado nas obras analisadas alguma das personagens fazendo o uso de coque como estilo de penteado. A análise revelou uma maior diversidade de estilos de cabelos, com cabelos longos, curtos e em diferentes cores, como na passagem descrevendo Nina a bibliotecária do livro “A pequena livraria dos sonhos “[...] com os longos cabelos castanho-avermelhados, a pele branca com algumas sardas[...]” (Colgan, 2019, p. 36). E em “A biblioteca da meia-noite” apresentando a senhora Elm “[...] tinha cabelos grisalhos e curtos [...]” (Haig, 2021, p.11).

Como também exemplificado nos livros “3 dias na vida” e “Sem ofensas”, no primeiro caso o narrador retrata Livia enfatizando o tom de seus cabelos “Seus cabelos cor de cobre [...]” (Marinheiro, 2024, p.12), e no segundo livro com Molly com um estilo de cabelo com uma referência cultural “[...] os cabelos escuros cortados no estilo que a filha fashionista de John costumava chamar de *bob*”(Cabot, 2023, p.28). Estas escolhas de retratar diferentes estilos contribui não só para uma diversidade de características das personagens, mas para uma importante desconstrução de estereótipo, com novos olhares e identidades mais complexas.

## 5.2 Construção de identidades

Na investigação sobre construção de identidades do bibliotecário nos livros debatidos, separou-se três categorias principais: destaque na obra, vestimenta e personalidade. Onde buscou-se observar como estão construídas e representadas as identidades dos personagens na narrativa, como sintetizado no quadro a seguir:

**Quadro 4** - Categorias e subcategorias em construção de identidades

| CATEGORIA        | SUBCATEGORIA  |
|------------------|---|
| Destaque Na Obra | Protagonista<br>Secundário<br>Interação com o protagonista. |
| Vestimenta       | Roupa estilo clássico<br>Estilo moderno<br>Não informado    |

|               |   |
|---------------|---|
| Personalidade | Introvertido<br>Extrovertido<br>Não determinado |
|---------------|---|

**Fonte:** Elaboração própria, 2024.

Para a categoria de destaque na obra delimitou três subcategorias: protagonista, secundário e interage com o protagonista. Delimitou-se assim pois o protagonista é o personagem central, em geral a trama gira em torno dele, já o personagem secundário embora não seja o centro da história desempenha um papel relevante muitas vezes. Na subcategoria de interage com o protagonista, seria aquele personagem não recorrente com poucas aparições e até pouca importância.

A subcategoria mais presente dentro dos dez livros analisados, foi a de protagonista, aparecendo em sete dos selecionados, sendo eles: A bibliotecária, A pequena livraria dos sonhos, Sem ofensas, Nem te conto, 3 dias na vida, As coisas que deixamos para trás e Clube de leitura dos corações solitários. Com as protagonistas: Regina, Nina, Molly, Daphne, Livia, Sloane Walton e Sloane Parker. De certa forma, esse protagonismo pode indicar que a figura do bibliotecário pode, sim, ser protagonista e ter um papel ativo dentro de narrativas, desafiando a visão tradicional e ultrapassada de que ele se limita apenas a organizar.

Já que com base nas considerações de Lessa e Santos (2019, p.49) “[...] o profissional bibliotecário é, em grande maioria, apresentado como um personagem secundário, cuja existência depende apenas para atender e/ou auxiliar o protagonista.”

Em contrapartida, a subcategoria de personagem secundário está presente em apenas quatro personagens: Sra. Elm, Asleigh, Karina e Mateo. Que apesar de não serem o centro da história, tem importância no enredo, como Karina trabalhando conjuntamente com Marco e Maia na solução do sumiço dos livros. Para além, a Sra. Elm também tem papel de destaque apesar de não ser protagonista, sem ela a história de Nora não faria sentido, pois ela funciona como um elo entre as vidas não vividas e a vida abandonada pela protagonista.

Na posição de interagir com o protagonista que é tida como uma menos recorrente na história, teve-se cinco personagens: Sra. Felps; Phyllis; Jamal; Kristin e Octavia. Estas figuras fictícias aparecem pouco nas obras que estão inseridos e não possuem grande atuação. Analisando a categoria de destaque na obra verificou-se

que o profissional da Biblioteconomia, mesmo o secundário, traz consigo uma atuação relevante no enredo, contribuindo em muitos momentos para a fluidez da trama.

Outra categoria de análise utilizada foi a de vestimenta: separada em roupa estilo clássico, que faz jus ao estilo clássico do estereótipo do bibliotecário, estilo moderno para roupas consideradas fashionistas e atuais, e o não informado, para obras que não trazem essa descrição.

Considerando as subcategorias, a que apareceu com mais frequência foi a de roupa estilo clássico, em nove dos dezesseis personagens: Sra. Felps, Sra. Elm, Regina, Karina, Nina, Daphne, Sloane Parker, Mateo, Octavia. Para ilustrar cabe expor algumas citações das obras que enfatizam bastante essa questão, como em “A bibliotecária” com a personagem Regina tendo suas roupas críticas por uma amiga, “— Sim. — assentiu — Tem que melhorar esse seu estilo hippie de blusas e saias longas que veste do pescoço para abaixo” (Belle, 2013, p. 60). Assim como é o caso de Sloane Parker em “Clube de leitura dos corações solitários”, que recebe um comentário um tanto ofensivo de sua futura cunhada, “— Onde encontra roupas assim? No Magazine dos Bibliotecários?” (Gilmore, 2024, p.27).

Estes dois casos exemplificam como a palavra pode ser usada para reforçar estereótipos sociais, em outro livro analisado “Nem te conto”, algumas passagens chamam atenção também por reforçarem essa questão, e até mesmo a protagonista Daphne fala de si com essa visão: “[...] e eu sou o retrato da bibliotecária clássica, que usa roupas de tweed cheias de botões” (Henry, 2024, p.65). Em outro trecho ela fala de seu guarda-roupa e como é descrita por uma amiga com base em seu gosto para roupas:

“Lã, tweed, cetim fazendo as vezes de seda, todas as peças combinando entre si, e todas com um ar de professora antiquada, mesmo minhas roupas de verão mais casuais. Sadie descrevia meu visual como uma intercessão entre Estilo Pessoal, Declaração de Personalidade e Não Olhe para o Meu Corpo, o que é bastante preciso” (Henry, 2024, p.69).

Esta combinação de elementos traz esse tom mais clássico e formal para Daphne, que em outro momento chega a ouvir comentários ainda mais pejorativos:

“— *Adorei* esse vestido — continua ela. — É tão diferente! Seu estilo costuma ser tão mais... abotoado.

Ai.

Miles toca minhas costas, deixando a mão correr até a lateral do meu quadril, e me puxa para junto do corpo.

— Como um segredo a ser descoberto — diz.

Ergo os olhos para ele, e a gratidão que me aperta o peito dá lugar a um anseio, um desejo.

— Ou uma bibliotecária — acrescenta Peter, o tom sarcástico” (Henry, 2024, p.239).



Refletindo sobre essas falas, vê-se que os comentários feitos estão diretamente relacionados a identidade e estilo da protagonista, Soler e Rocha (2024) refletem que a associação de trajes mais formais diz respeito a suposta seriedade de trabalho em uma biblioteca, o que em muitos casos pode denotar uma postura retrógada e estereotipada.

Outro aspecto abordado foi o de estilo moderno de roupas, que apareceu com menos frequência nos livros. Com apenas três personagens: Molly, Jamal e Sloane Walton. Que utilizam cores vibrantes e estilos de roupa diferentes, como Jamal de “As coisas que deixamos para trás”, que é descrito por sua colega de trabalho Sloane Walton com descolado, “Não só pelo fato de ele usar bonés de beisebol descolados no trabalho e jogar Ultimate Frisbee” (Score, 2024, p.206).

Já na última subcategoria dentro da categoria de vestimenta, de não informado, quatro personagens não foram possíveis destacar seu estilo de roupa, principalmente em alguns personagens secundários, como: Phyllis, Kristin, Asleigh e Livia. Com a análise da categoria de vestimenta percebeu-se que algumas construções de estilo ainda perduram o tempo e não avançam o suficiente.

Para a última categoria dentro de construção de identidades, optou-se por observar a personalidade dos personagens, com três subcategorias: Introverso, extroverso e não determinado. Na subcategoria de introvertido contemplou-se os personagens descritos como mais reservados, menos falantes, quietos e mais fechados, na de extrovertida colocou-se personagens mais falantes e motivados em situações sociais. Já a de não determinado encaixou-se os que não foi possível determinar.

Assim, a subcategoria de introvertido foi possível determinar em cinco personagens de forma clara, com a Sra. Felps, Regina, Nina, Livia e Sloane Parker. Alguns trechos dos livros abordam essa questão, como a senhora Felps do livro “Matilda”, que se autodescreve como “Ela era uma pessoa que só cuidava do que era da sua conta e que havia aprendido que raramente valia a pena se meter na vida dos filhos dos outros (Dahl, 2010, p.23)”. Esse trecho evidencia que ela é uma pessoa mais reservada, que não gosta de confusões.

Em dois trechos de “A pequena livraria dos sonhos” a personagem Nina de certa forma veste essa personalidade, “Nina sempre fora uma pessoa quieta e isolada, e observava o mundo através dos romances que adorava ler” (Colgan, 2019, p.38).

"Se você não era uma pessoa extrovertida, se não passava o tempo inteiro se colocando sob os holofotes, postando selfies, exigindo atenção, falando sem parar... bem, então as pessoas simplesmente não viam você. E aí você era negligenciada. No geral, Nina não se incomodava em ser essa pessoa" (Colgan, 2019, p.50).

Ambas as citações demonstram essa personalidade de Nina, que prefere a quietude dos livros, que se sente em paz consigo mesma e sua natureza introvertida. A subcategoria de extrovertido, nos mostrou quatro personagens com essa personalidade, Molly, Asleigh, Sloane Walton e Mateo. Em um momento do livro Molly até mesmo, fala sobre as pessoas acharem que todos os bibliotecários são introvertidos:

"Molly não estava com disposição para corrigi-lo. Todos sempre pensavam isso dos bibliotecários que eram pessoas introvertidas que só queriam ficar sozinhas e ler. Claro que era verdade para alguns. Molly, porém, sempre tivera uma vida social muito ativa. Mesmo quando ainda estava estudando, e depois trabalhando, ainda arranjava um tempinho para se divertir" (Cabot, 2023, p.122).

Percebe-se como estes estereótipos podem ser até mesmo limitantes dentro de interações sociais, a resignação de Molly demonstra também como ela já ouviu comentários como este diversas vezes. A subcategoria que mais aparece é a de não definido, com sete figuras, Sra. Elm, Phyllis, Daphne, Karina, Jamal, Kristin e Octavia, em que não foi possível perceber e entender suas personalidades, às vezes ficando em um mix das duas. Analisar a personalidade do personagem, nos faz refletir e entender como muitas vezes, as personalidades dentro do contexto do bibliotecário são taxadas da mesma maneira fechada e introvertida.

Portanto, diante das colocações expostas salienta-se que as escolhas das obras de 2010 a 2024 permitiu uma análise com visão mais contemporânea sobre o profissional habilitado em Biblioteconomia. Para além, a mescla de gêneros literários, desde a literatura infantil, ao romance erótico, proporcionou uma ampla observação das representações, promovendo discussões sobre estereótipos de gênero, etarismo, entre outras, também foi possível detectar padrões recorrentes de representações. Estas contemplações indicam que apesar de o bibliotecário ainda apresentar reproduções estereotipadas, também surgem descrições que fogem disso, propiciando uma reflexão das transformações de imagem do profissional.

## 6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a representação de gênero sobre o bibliotecário em obras literárias e os impactos sociais na imagem profissional. Do ponto de vista metodológico, esteve baseada em pesquisa bibliográfica, e análise de conteúdo para identificar a forma como o bibliotecário é retratado nas obras literárias, com perspectiva qualitativa.

Sabe-se que historicamente a figura do bibliotecário é representada permeada de estereótipos, especialmente ligados ao gênero, como o da “velha senhora” de óculos, além daquele relacionado a uma pessoa introvertida e solitária que se dedica exclusivamente aos livros. Assim, este estudo explorou como a profissão de bibliotecário se desenvolveu ao longo do tempo. Além de discutir sobre estereótipos nas profissões, destacando como a literatura de ficção pode perpetuar certos estereótipos, assim sendo foi possível explanar também como estes se manifestam no profissional da Biblioteconomia.

Assim como, fez-se um resgate da categoria de análise gênero trazendo a questão de gênero na profissão de bibliotecária. Dessa maneira, dentre os principais resultados encontrados na pesquisa destaca-se que apesar de recentes, as obras analisadas apresentam estereótipos sociais voltados ao gênero, visto que os livros analisados apresentam em sua maioria personagens femininas.

Observou-se uma evolução na representação com mais personagens considerados jovens do que idosos. Como também, as narrativas analisadas se alinham no ponto de descrição das personagens, apesar de os livros mais recentes fugirem do estereótipo de senhora pedindo silêncio, entretanto, estes também as descrevem em muitos casos como fechadas, práticas retraídas, mesmo as descritas como jovens.

Notou-se também que houve um avanço com relação às descrições atuais já que o estereótipo do coque não aparece nas obras analisadas, trazendo uma maior variedade de estilos. Com relação às descrições de vestimenta necessita-se de avanços. Outro ponto positivo de avanço foi o número relevante de bibliotecários como protagonistas, desempenhando papéis ativos dentro das obras.

Entende-se que este trabalho oferece uma contribuição não só para academia e para os bibliotecários, mas para toda a sociedade, por promover uma reflexão acerca da temática. Enfatiza-se que apesar dos avanços sobre o estereótipo na

profissão de bibliotecário é necessário que a mídia e as instituições busquem promover uma visão mais ampla da profissão, em todas as suas diferentes faces, reconhecendo o papel fundamental que este profissional desempenha.

Portanto, sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas, enfocando também na representatividade no cinema e na televisão, trazendo à tona a temática dos estereótipos e questões de gênero na profissão de bibliotecário. Também para a ampliação e aprofundamento sobre esse tema tão relevante, aconselha-se a promoção de debates e eventos acadêmicos, como mesas redondas e simpósios, com pesquisadores, bibliotecários, escritores e sociedade em geral, para discutir o bibliotecário face ao gênero, estereótipo e transformações sociais. Além disso, recomenda-se que os bibliotecários sejam mais presentes nas redes sociais divulgando o fazer da profissão, trabalhando assim com o marketing pessoal, para que se tenha mais representações positivas no imaginário popular, construindo assim uma ponte para a representação fiel e positiva.

Por fim, enfatiza-se a necessidade de se utilizar a informação, objeto de estudo da área, a nosso favor, disseminando-a na perspectiva de romper com os estereótipos e sensibilizar os indivíduos, esclarecendo que não se trata de uma profissão de mulheres, mas para todos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.f

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis: APB, 1997.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 01–30, 2013. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n1p01. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 22 maio. 2024.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de bibliografia e documentação, 1969.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70,2010.

BASILIO, Esdra. Relações de gênero na área da biblioteconomia: protagonismos e silenciamentos. *In*: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho (org.). **Ocupar e resistir: Dez anos de produções acadêmicas do Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero (GEPEG/FH/UFG)**. São Paulo: Editora Pontocom, 2024. p. 95-111. E-Book. Disponível em: <https://editorapontocom.com.br/l/77/Ocupar-e-resistir>. Acesso em 20 nov. 2024.

BASILIO, Esdra. Um olhar sob a perspectiva de gênero na Biblioteconomia: região Centro-Oeste. *In*: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 29., 2022, Brasília-DF. **Anais [...]**. Brasília: FEBAB,2022. 15p. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2555>. Acesso em: 02 jul.2024.

BELLE, Logan. **A Bibliotecária**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sôbre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial da União, 2 jul. 1962. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei/1962-353848-normaatualizada-pl.html>. Acesso em: 4 ago. 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1º Relatório de Transparência Salarial. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BRITO, Danilo Lopes; BONA, Fabiano Dalla. Sobre a noção de estereótipo e as imagens do Brasil no exterior. **Revista Graphos**, [S. l.], v. 16, n. 2, p.15-28, 2014.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/23725>. Acesso em: 04 set.2024.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: LORDE, Audre *et al.* **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Organização: Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 222-240.

CABOT, Meg. **Sem ofensas**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

CAMPELLO, Beatriz Azevedo; COSTA, Marcellly Ramos. O papel político do bibliotecário de referência: uma análise histórica. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16920>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CARDOSO, Sílvia Isabel Pinto; NUNES, Manuela Barreto. Auto-imagem e estereótipo do bibliotecário: um estudo centrado nos profissionais de bibliotecas públicas portuguesas. **Cadernos BAD (Portugal)**, n. 1, p. 23-44, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/82334>. Acesso em: 29 maio 2024.

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

COLGAN, Jenny. **A pequena livraria dos sonhos**. São Paulo: Arqueiro, 2019.

CONNELL, Raewyn. Gênero e corporificação na sociedade mundial. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 281–, 2015. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/1787>. Acesso em: 28 jun. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). **Resolução CFB nº 207/2018, de 11 de setembro de 2018**. Dispõe sobre o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário. Brasília: Diário Oficial da União, 9 nov. 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da. O Bibliotecário brasileiro na atualidade. **Revista da Escola de Biblioteconomia**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 178-194, set. 1976. Disponível em: O Bibliotecário brasileiro na atualidade | Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Acesso em: 16 out. 2024.

DAHL, Roald. **Matilda**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. *E-book*.

DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O Social em Questão**, [S.l.], ano 14, n 25/26, p. 323 - 344. 2011. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=16&infolid=36&sid=14>. Acesso em: 08 ago. 2024.

ENDLICH, Juliana Norato; NASCIMENTO, Mircelânia Cavalcante do; GALLOTTI, Monica Marques Carvalho. O bibliotecário no mundo da ficção. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 41., Rio de Janeiro,

2018. **Anais[...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018. 15p. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/1417>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ESCALANTE, Isadora; MALLMANN, Patrícia; COUTINHO, Luciano. O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Cristovão, v. 8, 2021. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/243>. Acesso em: 2 jul. 2024.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecário: um profissional a serviço da democratização da informação e da leitura. **Biblioo: cultura informacional**, 18 mar. 2017. Disponível em: <https://biblioo.info/bibliotecario-um-profissional/>. Acesso em 22 set. 2024.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 2 n. 3, n. 3, p. 298-322, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/140570>. Acesso em: 25 maio 2024.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1–14, 2003. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6399>. Acesso em: 8 ago. 2024.

FERREIRA, Maria Mary. **Vereadoras e prefeitas maranhenses: ação política e gestão municipal com enfoque de gênero**. São Luís: EDUFMA, 2015.

FERREIRA, Maria Mary; VEIGA, Marcos Aurélio Pereira. Bibliotecário, trabalho e salário: o profissional da informação na sociedade de mercado. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: O DESENVOLVIMENTO DA CRISE CAPITALISTA E A ATUALIZAÇÃO DAS LUTAS CONTRA A EXPLORAÇÃO, A DOMINAÇÃO E HUMILHAÇÃO*, 6., 2013, São Luís. **Anais [...]** São Luís: UFMA, 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo2-transformacoesnomundodotrabalho/bibliotecarios-trabalhoesalario-oprofissionaldainformacaonasociedade-demercado.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2 ed. Brasília, DF: Briquet Lemos, 2007.

FORREST, Niara Paz Romero. **Gênero e relações de poder na Biblioteconomia**. 2014. 77 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia)– Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/8590>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, p. 6–19, jan. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/rPpchWXW8kKL8tYQ36tJH4w/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 maio.2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.49 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GAIO, Roberta; CARVALHO, Roberto Brito; SIMÕES, Regina. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. *In*: GAIO; Roberta. **Metodologia de Pesquisa e Produção de Conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.p.143-p.171.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Os Concos dos Termos Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **R. bras. Bibliotecon. e Doc.**, São Paulo, v. 26, n.1/2, p.100-114,jan./jun.1993. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19245>. Acesso: 23 abr. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GILMORE, Lucy. **Clube de leitura dos corações solitários**. São Paulo: Buzz, 2024.

HAIG, Matt. **A biblioteca da meia-noite**. Tradução: Adriana Fidalgo.1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2021.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201–246, jan. 2004. Disponível em: SciELO - Brasil - "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra . Acesso em: 28 jun. 2024.

HENRY, Emily. **Nem te conto**. Tradução: Ana Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Verus, 2024.

HIRATA, Helena. Gênero, Patriarcado, Trabalho e Classe. **Revista Trabalho Necessário**, v. 16, n. 29, p. 14-27, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552>. Acesso em: 07 ago. 2024.

JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. 2010.Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2010.Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25765>. Acesso em: 23 dez. 2024.

KRÜGER, Helmuth. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. *In*: LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel (org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBA, 2004.

LEITE, Marcia de Paula. Gênero e Trabalho no Brasil: Os desafios da desigualdade. **Revista Ciências do Trabalho**, [S.l.], n. 8, p.45-60, 11 set. 2017. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/144>. Acesso em: 04 ago. 2024.



LESSA, Bruna; SANTOS, Luise Liane de Santana. Representação social e protagonismo do profissional bibliotecário na literatura de ficção. **Informação em Pauta**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 48–67, 2019. DOI: 10.32810/2525-3468.ip.v4i1.2019.40950.48-67. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/40950>. Acesso em: 30 out. 2024.

MARINHEIRO, Caroll. **3 Dias na vida**. [s. n.]: [s.l.], 2024. *E-book*. Disponível em: <https://www.amazon.in/3-Dias-Na-Vida-Portuguese-ebook/dp/B0DL7BX6TR>. Acesso em 20. dez. 2024.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MARTUCCI, Elisabeth Marcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/38901>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Joana. Estereótipos sociais: Definição e abordagens. **Psicologia**, [S. l.], v. 11, n. 2/3, p. 101–120, 1996. DOI: 10.17575/rpsicol.v11i2/3.605. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/605>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MORENO, Josyane; BASTOS, Larissa. O esteriótipo do bibliotecário no cinema. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/63059>. Acesso em: 04 jul. 2024.

MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 63–70, 1989. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/44761>. Acesso em: 22 ago. 2024.

NASCIMENTO, Paulo Roberto; FERREIRA, Lia Margarida; CAVALCANTI, Kalliara Maciel; FERREIRA, Maria Mary. O bibliotecário e a reprodução dos estereótipos em desenhos animados. **Biblionline**, v. 12, n. 1, p. 105-115, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/28239/15440>. Acesso em: 26 abr. 2023.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradução: Antonio Angenor Brinquet Lemos. Brasília, DF: Brinquet Lemos, 2006. 82 p. p.23-40.

PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade**: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE6MYV>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e a profissão bibliotecária no Brasil. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, n. 1, p. 157–171, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/1524>. Acesso em: 9 ago. 2024.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. As mudanças curriculares da Biblioteconomia brasileira e suas relações com a generificação da profissão bibliotecária. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/576TDsxNkCng5b7wpX7K5YS/?lang=pt#>. Acesso em: 01 jul. 2024.

PISCITELLI, Adriana. Gênero a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, Heloisa Buarquea de; SZWAKO, José Eduardo (org.). São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

RIBEIRO, Gerlaine Marinotte; CHAGAS, Ricardo de Lima; PINTO, Sabrine Lino. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século xv. **AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/1413>. Acesso em: 30 out. 2024.

RODRIGUES, Suzana Machado. A prática de leitura na educação infantil como incentivo na formação de futuros leitores. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 241–249, 2015. DOI: 10.30681/reps.v6i2.9653. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9653>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: moderna, 1987.

SALCEDO, Diego Andres; SILVA, Jhoicykelly Roberta Pessoa e. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 23–30, 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1274>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SALCEDO, Diego; STANFORD, Jaliny. O incentivo da leitura na biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 27–44, 2016. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/377>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SANDBERG, Sheryl. **Faça acontecer**: mulheres, trabalho e a vontade de liderar. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANTA ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 138–155, 2015. DOI: 10.20396/rdbci.v13i1.1585. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1585>. Acesso em: 31 ago. 2024.

SANTOS, Ana Paula Lima dos; RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 116–131, 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248>. Acesso em: 1 set. 2024.

SCORE, Lucy. **As coisas que deixamos para trás**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Armando Malherio da. O papel da Ciência da Informação face à desincomunicação. In: FERREIRA, Maria Mary; SILVA Roosevelt Lins (org.). **(Des)informação, poder e exclusão social**: estratégias para enfrentar as ameaças à democracia. São Luís: EDUFMA, 2024. p. 49-73.

SILVA, Danielle de Lima. Sistema de classificação documentária: cdd x cdu. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17420>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O Bibliotecário Como Agente Histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação”. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 18, n. 3, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1873>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SOLER, Lauren Bednarczuk Pecine Misko; ROCHA, Ednéia Silva Santos. O bibliotecário além dos estereótipos: desvendando representações na produção científica, na percepção do público e na análise de obras de ficção. **Revista Fontes Documentais**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. e71241, 2024. DOI: 10.9771/rfd.v7i0.61554. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RFD/article/view/61554>. Acesso em: 28 dez. 2024.

SOUSA, Beatriz Alves de. **O Gênero na Biblioteconomia**: percepção de bibliotecárias/os. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas.) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129392>. Acesso em 16 out. 2024.

TECHIO, Elza Maria. Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In: TECHIO, Elza Maria; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira (org.). **Cultura e produção**

**das diferenças:** Estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 21-75.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGER, Jacques. **Homens e Saber na Idade Média.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 17, n. 3, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962>. Acesso em: 20 maio 2024.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil:** representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/5288>. Acesso em: 16 out. 2024.

WIDMARK, Martin. **O mistério da biblioteca.** São Paulo: Callis, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mist%C3%A9rio-Biblioteca-05-Martin-Widmark/dp/8545400578>. Acesso em: 22 dez. 2024.

## APÊNDICE A – FICHA DE LEITURA

|   |                      |
|---|----------------------|
| <b>Referência do livro</b>  |                      |
| <b>Obra:</b>  | <b>Capa do livro</b> |
| <b>Ano:</b>   |                      |
| <b>Gênero literário:</b>  |                      |
| <b>Personagem:</b>  |                      |
| <b>Destaque na obra:</b><br>Protagonista ( ) Secundário ( ) Interage com o protagonista ( ) |                      |
| <b>Gênero:</b><br>Masculino ( ) Feminino ( )  |                      |
| <b>Idade:</b><br>( ) Jovem ( ) Meia idade ( ) Idoso ( ) Não informado                       |                      |
| <b>Uso de óculos:</b><br>Sim ( ) Não ( )  |                      |
| <b>Uso de coque (apenas para personagens do gênero feminino):</b><br>Sim ( ) Não ( )        |                      |
| <b>Sinopse:</b>   |                      |
| <b>Trechos:</b>   |                      |

**APÊNDICE B – QUADRO COM OS DADOS DAS CATEGORIAS**

| <b>N</b> | <b>PERSONAGENS</b> | <b>OBRA</b>                      | <b>GÊNERO</b> | <b>IDADE</b> | <b>ÓCULOS</b> | <b>COQUE</b> | <b>DESTAQUE NA OBRA</b> | <b>VESTIMENTA</b> | <b>PERSONA.</b> |
|----------|--------------------|----------------------------------|---------------|--------------|---------------|--------------|-------------------------|-------------------|-----------------|
| 1        | Sra. Felps         | Matilda                          | Fem.          | Idoso        | Sim           | Não          | Int. prota.             | Est. Clássico     | Introvertida    |
| 2        | Regina             | A bibliotecária                  | Fem.          | Jovem        | Não           | Não          | Prota.                  | Est. Clássico     | Introvertida    |
| 3        | Nina               | A pequena livraria dos sonhos    | Fem.          | Jovem        | Não           | Não          | Prota.                  | Est. Clássico     | Introvertida    |
| 4        | Sra. Elm           | A biblioteca da meia-noite       | Fem.          | Idoso        | Não           | Não          | Secund.                 | Est. Clássico     | Não determinado |
| 5        | Molly              | Sem ofensas                      | Fem.          | Jovem        | Não           | Não          | Prota.                  | Est. moderno      | Extrovertida    |
| 6        | Phyllis            | Sem ofensas                      | Fem.          | Idoso        | Não           | Não          | Int. prota.             | Não infor.        | Não determinado |
| 7        | Daphne             | Nem te conto                     | Fem.          | Jovem        | Não           | Não          | Prota.                  | Est. Clássico     | Não determinado |
| 8        | Asleigh            | Nem te conto                     | Fem.          | Meia-idade   | Não           | Não          | Secund.                 | Não infor.        | Extrovertida    |
| 9        | Livia              | 3 dias na vida                   | Fem.          | Jovem        | Não           | Não          | Prota.                  | Não infor.        | Introvertida    |
| 10       | Karina             | O mistério da Biblioteca         | Fem.          | Idoso        | Sim           | Não          | Secund.                 | Est. Clássico     | Não determinado |
| 11       | Sloane Walton      | As coisas que deixamos para trás | Fem.          | Meia-idade   | Sim           | Não          | Prota.                  | Est. moderno      | Extrovertida    |

|           |               |  |       |            |     |     |            |               |                 |
|-----------|---------------|--|-------|------------|-----|-----|------------|---------------|-----------------|
| <b>12</b> | Jamal         | As coisas que deixamos para trás         | Masc. | Jovem      | Sim | -   | Int. prota | Est. moderno  | Não determinado |
| <b>13</b> | Kristin       | As coisas que deixamos para trás         | Fem.  | Meia-idade | Não | Não | Int. prota | Não informado | Não determinado |
| <b>14</b> | Sloane Parker | Clube de leitura dos corações solitários | Fem.  | Jovem      | Não | Não | Prota.     | Est. Clássico | Introvertida    |
| <b>15</b> | Mateo         | Clube de leitura dos corações solitários | Masc. | Meia-idade | Não | -   | Secund.    | Est. Clássico | Extrovertida    |
| <b>16</b> | Octavia       | Clube de leitura dos corações solitários | Fem   | Idoso      | Não | Não | Int. prota | Est. Clássico | Não determinado |